Acervo ISA

CEDI - P. I. B.
DATA
COD 03) 00008

SOCIEDADE MARANHENSE DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS - SMDDH

CENTRO DE CULTURA NEGRA DO MARANHÃO - CCN

PROJETO VIDA DE NEGRO

JAMARY DOS PRETOS, TERRA DE MOCAMBEIROS "ESTUDO ANTROPOLÓGICO"

JOSÉ PAULO FREIRE DE CARVALHO

- VOLUME 03 -

SÃO LUÍS - MA.
1994

ISA Acervo

J A M A R Y D O S P R E T O S

TERRA DE MOCAMBEIROS

Município de Turiaçu - Estado do Maranhão

PVN / SMDDH
PROJETO VIDA DE NEGRO
NOVO ENDEREÇO
SMDDH - Sociedade Maranhense
de Defesa dos Direitos Humanos
Rua da Saúde, N.º 248 Centro
65.010 — São Luís-MA
CAIXA POSTAL 1094
TELEFAX: (098) 221-3838

Acervo ISA

INDICE:

I)Introdução: descrição da entrada no campo e condições de realização do trabalho de levantamento dos dados.....1

II)O reconhecimento do povoado, a reunião com os moradores e primeiras entrevistas.....18

III)Em busca da história do Jamary: a memória social de um povoado de remanescentes de quilombos (entrevistas e depoimentos).....39

IV)Uma rápida visita a cidade de Turiaçu e uma história que continua o tambor de criola.....52

V)Um dia de domingo no povoado de Jamary, as conversas 61

VI)O filme de Raimundão, a saída para os centros de roça e uma conversa sobre os conflitos e ameaças ao povo de Jamary.....76

VII)a viagem de volta e considerações finais.....88

VIII)Anexos :1)transcrição de algumas letras cantadas na festa do tambor de criola do Jamary;
povoado de Jamary.....98

Acervo ISA

JAMARY DOS PRETOS: TERRA DE MOCAMBEIROS

TURIAçU-MARANHAO

José Paulo Freire de Carvalho

I) Introdução: descrição da entrada no campo e condições de realização do trabalho de levantamento dos dados

Por solicitação da Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos (SMDDH) e do Centro de Cultura Negra do Maranhão(CCN-MA), realizei pesquisa de campo no município de Turiaçu, Estado do Maranhão, através do Projeto Vida de Negro (PVN), que vem desenvolvendo um trabalho de levantamento e identificação dos povoados e/ou comunidades de diferentes regiões do Estado conhecidos como **terras de preto** - onde se verificam modalidades de uso comum da terra e formas de controle do território através do pertencimento étnico, ocasionados pela herança histórica da escravidão e dos quilombos ou mocambos, como são localmente referidos e historicamente conhecidos de acordo com fontes documentais e arquivísticas, designados nos relatórios de Presidentes de Província, os movimentos de fuga dos escravos em luta pela libertação.(1)

(1)Esta solicitação teve como referência a prática desse pesquisador, advogado, n.inscrição 66.126 OAB-RJ, com formação em ciências sociais, em trabalho de campo etnográfico entre populações camponesas e comunidades remanescentes de quilombos na região do Baixo Amazonas, Estado do Pará, durante um total de sete meses no decorrer dos anos de 1992 e 1993, no contexto de uma pesquisa etnográfica realizada pelo Grupo de Estudo e Trabalho de Campo na Amazônia, da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense, coordenado pela doutora em Antropologia Social Eliane Cantarino O´Dwyer.

ISA - Acervo ISA

O objetivo do trabalho, em apoio a equipe do PVN formada por Dimas Salustiano da Silva, Ivan Rodrigues Costa e Ana Amélia Campos era realizar um levantamento das condições de vida e trabalho no povoado de Jamary, da sua organização social e representação dos limites espaciais do povoado e da memória social dos quilombos que existiram na região, referência presente no cotidiano dos seus moradores, e que se encontram registrados nas fontes documentais.(2) A experiência histórica dos quilombos é incorporada no presente etnográfico às manifestações culturais observadas no povoado, expressas nas festas de dança como o "tambor de criola", rituais religiosos como "tambor de mina" e todo conjunto de representações que circulam sobre a origem do Jamary e as condições de participação na vida do povoado,que definem para seus moradores um mundo social partilhado e uma identidade comum.

Para redação desse relatório de pesquisa optou-se por uma apresentação dos dados que indicasse os contextos em que foram produzidas as informações, revelando os diálogos e interações durante o trabalho de campo, como uma maneira de transmitir a compreensão que foi possível obter ao partilhar outro mundo social, que tem sua própria razão de ser por uma lógica inscrita no espaço das relações entre diferentes grupos e uma experiência histórica singular, que os levam a adotarem pontos de vista e tomadas de posição frente ao mundo.

(2)Os documentos encontrados em cartórios e arquivos públicos estão citados por ordem cronológica no relatório de atividades do Projeto Vida de Negro da SMDDH - Terceira Etapa.

O trabalho de campo realizado no povoado de Jamary foi cercado de contigências como o prazo curto de uma quinzena para a permanência no campo, marcada, porém, por um engajamento intenso por parte do pesquisador ligando-se a um conjunto de relações pessoais e através dele a uma rede cultural particular. O tempo reduzido de trabalho de campo exigiu um intercâmbio constante através de perguntas e entrevistas com os informantes, participando durante este tempo de uma convivência amiúda no povoado. Daí a inclusão no texto de citações extensivas e regulares a partir dos informantes, sendo essas citações exemplos de testemunhos confiados por homens e mulheres que falam de sua existência, o significado que atribuem as suas vidas, a relação que estabelecem entre presente e passado e suas expectativas quanto ao futuro.

As considerações finais feitas em forma de parecer estão baseadas em uma interpretação focalizada dos dados apoiados nas evidências etnográficas e citações que expressam o ponto de vista dos moradores nativos que atribuem ao povoado onde vivem a denominação **Jamary dos Pretos.**

O Povoado de Jamary

O povoado de Jamary se localiza na zona rural do município de Turiaçu, situado na micro-região do Gurupi, próximo a divisa entre os Estados do Maranhão e do Pará. Turiaçu pertenceu até 1852 a então Província do Pará quando foi incorporado à do Maranhão, sendo o porto de Turiaçu em meados do século XVIII utilizado para tráfico não

ISA

autorizado - e, portanto, fora do controle alfandegário - de escravos (segundo dados documentais e citações bibliográficas do relatório PVN).

A região do Gurupi, a qual pertence o município de Turiaçu, pelo grande número de comunidades negras rurais é caracterizada pelos participantes do projeto (PVN) como área de exclusividade negra no Estado do Maranhão, onde se evidencia pelos dados históricos coletados o "extraordinário número de quilombos e mocambos..." (vide relatório PVN em anexo, pp.3,4,5).

No povoado de Jamary seus habitantes têm como memória social a experiência histórica dos chamados "mocambos", termo pelo qual são conhecidos e definidos pelos moradores do povoado os "lugares de moradia e refugio dos pretos livres" como dizem, em contraposição às fazendas de escravos consideradas como "lugar da dor, do trabalho forçado e da sujeição".

Os moradores desse povoado costumam acrescentar ao nome Jamary o adjetivo dos pretos - "Jamary dos pretos" ou ainda "povoado dos pretos" - forma de qualificação étnica que definem através da auto-atribuição uma identidade afirmativa e uma territorialidade própria a um grupo social etnicamente organizado. Invertem assim a característica estigmatizante com que são conhecidos na sede do município de Turiaçu onde usualmente são chamados de "os pretos do Jamary" ou "os pretos dos campos naturais"(3) - designações usadas de maneira irônica e depreciativa por habitantes da cidade de Turiaçu, ouvidas pelo pesquisador de comerciantes e populares quando de sua passagem pela cidade. Essas referências são utilizadas como critérios

de apreciação negativos da identidade social de um grupo e são o resultado de práticas comuns e cotidianas de discriminação e preconceito a que estão submetidos em seu contato com os de fora os moradores do povoado de Jamary.

Através de uma lógica da contradição, reapropriam-se positivamente da avalição estigmatizante, construindo uma identidade social relacionada ao pertencimento etnico e a ocupaçao de um território exclusivo.

(3)A expressão "campos naturais" funciona por um lado como uma descrição da geografia (tipo de solo e vegetação) e por outro como uma referência ao tipo de apropriação feita desse território pela existência de terras de uso comum no povoado, como será descrito e comentado adiante. A título de generalização dessa situação etnográfica podemos citar o artigo "Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de Indio..." que analisa os sistemas de uso comum na estrutura agrária (Almeida : 1989, in Na Trilha dos Grandes Projetos, Cadernos NAEA, n.10).

ISA - Acervo

Trabalho de Campo

Para visitar o povoado de Jamary e conhecer seus habitantes é necessário atravessar as estradas que partem da capital São Luis em direção à Baixada Ocidental Maranhense e a região do Gurupi. A viagem rumo ao município de Turiaçu, feita no caso através de linha de onibus, permite observar uma paisagem peculiar formada por pastagens, capoeiras e extensos palmeirais e babaçuais. Observam-se cercas de arame ao longo da estrada em grandes trechos do percurso, com sedes de fazenda com placas de identificação, entremeadas por pequenos aglomerados urbanos, pontos frequentemente de parada dos onibus em trânsito e muitas povoações que permitem presumir a existência de um campesinato na região.

Durante a viagem, o ônibus que nos conduzia, do tipo parador, fazendo sua parada de preferência a cada esquina ou trecho de estrada para pegar passageiros e deixá-los logo à frente, nos fez perceber que grande parte dos seus usuários era formada por viajantes que se deslocavam por curtos trechos. Esses passageiros eram caracteristicamente camponeses, carregando seus produtos em sacos e paneiros de farinha de mandioca, de arroz, milho, feijão, transportando também criações de porcos e galinhas. Encontrávamos assim utilizando o mesmo meio de transporte os moradores dos muitos povoados que podíamos observar na paisagem ao lado dos imensos campos cercados para criação de gado e búfalos. Formavam aglomerados de habitações feitas de paredes de barro cobertas de palha, com criações domésticas soltas pelos terreiros plantados de árvores frutíferas e palmeiras.

Depois de atravessar diversos municípios, podendo-se observar três feiras de produtos agrícolas, chegamos ao povoado de Santa Rosa, nosso primeiro destino para alcançar o povoado de Jamary. O deslocamento pelas estradas nem sempre fáceis de conduzir, nos permite formar idéia das imensas dificuldades mencionadas pela equipe do PVN de viajar para esta região no período de chuvas torrenciais do chamado inverno (meses de janeiro a julho aproximadamente), sobretudo no trecho coberto de piçarra que vai do município de Santa Helena, anterior a Turiaçu, até o povoado de Santa Rosa, com muitas partes inundáveis.

Localizado na estrada rodoviária que vai para a sede do município de Turiaçu, o povoado de Santa Rosa é ponto de trânsito obrigatório para quem se dirige ao povoado de Jamary. Segundo informações de alguns de seus moradores que entramos em contato, o povoado de Santa Rosa teria se localizado em outro lugar antes da construção da estrada iniciada há cerca de vinte anos atrás. Esse antigo lugar hoje chamado de "Santa Rosa Velha", situado para dentro da mata, passou a ser utilizado para "rancho de trabalho" (lugar de plantação de roçados e criação) com o advento da estrada, deslocando-se seus moradores para habitações às margens da rodovia. Santa Rosa com suas casas de taipa e telhados de palha, constitui um povoado camponês típico desta região, com um número de aproximadamente quarenta casas, alinhadas em um trecho calculado de duzentos metros de comprimento ao longo da estrada , sendo que pelo menos cinco dessas casas são "barracas" ,isto é, locais de venda de gêneros diversos, entre os quais bebidas e produtos alimentícios

como arroz, macarrão, óleo de soja , querosene, sal , açúcar... Não havia luz elétrica no povoado, muito embora, houvesse linha de transmissão de energia elétrica passando em direção a Turiaçu, o que era atribuído, como ficamos sabendo posteriormente por alguns habitantes que faziam parte da rede de relações sociais dos moradores do Jamary, ao fato do povoado não participar da clientela política do governo municipal. A maioria dos moradores antigos de Santa Rosa eram ex-escravos havendo hoje uma presença considerável de migrantes no povoado, muitos cearenses, piauienses e maranhenses de outras regiões do Estado.

O povoado de Santa Rosa situado ao longo da rodovia estadual, é formado assim por ex-escravos e pela frente de expansão camponesa nordestina, diferentemente como haveremos de ver do Jamary, que difere também pela disposição espacial do povoado e suas formas de organização social, apesar da contiguidade relativa entre os dois povoados.

Rumo ao Jamary

Na partida de Santa Rosa para o povoado de Jamary fomos conduzidos por um morador do povoado que nos aguardava juntamente com um dos participantes da equipe do PVN na casa de uma representante da delegacia sindical do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Turiaçu. O nosso guia para o povoado de Jamary apresentou-se como o Sr. Paulo Souza, ficamos sabendo mais tarde tratar-se do filho mais novo do Sr. Raimundo Souza, em casa de quem ficamos hospedados em Jamary.

Realizamos nossa viagem com o apoio de um jumento e um cavalo, animais de carga e montaria comumente usados nesta região para o transporte. As bagagens foram arranjadas sobre os animais, sendo o cavalo oferecido para meu transporte, porém recusei alegando não estar acostumado a montaria. Advertiram-me que a viagem seria longa, de fato foram quase quatro horas de caminhada.

Assim nos colocamos a caminho e era melhor como fomos advertido que começassemos logo "pisando firme" de forma que pudessemos chegar na "boca da noite". Saímos de Santa Rosa de volta pela estrada rodoviária a passo firme, atalhando cerca de quinze minutos depois, na direção de uma trilha que conduzia ao ramal do Jamary - já eram 17:00h.

Um registro interessante passado durante a nossa breve estada em Santa Rosa. Com a chegada de Paulo Souza para nos cumprimentar, indo em seguida amarrar as bagagens no animal de carga, alguns homens que estavam sentados na porta de uma casa próxima ao ponto de parada do ônibus, gritaram em tom de brincadeira e provocação (é o que parecia)para Paulo Souza: "Ei Paulo, olha a desordem, olha a desordem!..."ao que Paulo Souza respondia, "não é nada disso" e sorria para o grupo de homens que estavam sem camisa trajando calças jeans, botas e usando chapéus que eu descobriria mais tarde serem caracteristicamente usados pelos vaqueiros que trabalham nas fazendas de gado na região. Os vaqueiros são empregados dos fazendeiros e costumam assumir de acordo com nossa observação ares de superioridade e arrogância no trato com os moradores do povoado,o que marca uma distância social em relação a eles, aproximando-os do mundo

dos patrões, sendo inclusive identificados pelos informantes como fazendo parte deste mundo. Considero o episódio do encontro entre os vaqueiros e o morador do povoado que chamou minha atenção, significativo para delimitar os grupos sociais e categorias de trabalhadores que se filiam ou se contrapõem aos interesses econômicos dominantes na região.

Continuamos nossa caminhada através do ramal de Jamary. Aproveitei para conversar com Paulo Souza sobre o povoado, as roças pelas quais passávamos no caminho, a distância que teriamos a percorrer, os tipos de caça, as arvores e palmeiras da região. Encontramos próximos da localidade identificada por Paulo Souza como Cajual, alcançada ainda de dia, três homens montados em cavalos, que passaram por nós curiosos e cumprimentando. Perguntei quem eram?..Paulo Souza disse que "eram este povo cigano que vive solto por aí"...e continuou : - "os ciganos são povo andarilho, que de quando em vez passam por aqui, indo até Jamary, somente os homens, eu nunca vi mulheres ciganas... estão sempre querendo fazer negócios, principalmente vender e comprar animais como cavalos, burros, jumentos, e são sempre espertos em negociar". Encontrei posteriormente um grupo de ciganos no povoado do Jamary que negociavam com animais de carga e montaria, ouvindo o comentário posterior de moradores do povoado vizinho de Santa Rosa que os ciganos não se demoravam no Jamary por causa dos mosquitos carapanãs, preferindo parar em Santa Rosa, considerada por eles "terra de cristão" ao contrário do Jamary(segundo ainda o depoimento). O significado de cristão, só compreendemos depois, está relacionado a

condição de "civilizado" por oposição às criaturas da natureza, viventes da mata. Jamary pela sua posição interiorana, afastado das rotas principais de comunicação e para dentro da mata, parece caber nessa forma de classificação. Este mesmo sistema classificatório, como haveremos de ver no decorrer deste texto, é utilizado com referência a experiência histórica dos quilombos vivida e lembrada pelos moradores do povoado.

Passei a indagar a Paulo Souza sobre as roças que podíamos ver ao longo da estrada. Já estavamos no Jamary? Ele disse que sim, mas ali era o Cajual. Perguntei, como assim Cajual é Jamary? - "E uma parte do Jamary, mas o povoado fica distante daqui"...Começava assim a me inteirar sobre as delimitações do povoado do ponto de vista do informante, o que compreende o Jamary e seus planos espaciais.

Indaguei novamente a Paulo Souza sobre as roças, por que estavam elas cercadas? - "E que nós aqui temos nosso regulamento, respondeu, o roçado até dois quilometros do povoado ou das casas têm que ser cercado por causa dos animais de criação, senão eles invadem, é para não haver prejuizo"...O que é animal de criação Paulo? "E esta criação que o pessoal têm, o senhor sabe, o porco, o gado, as galinhas, os animais de carga, essas roças estão cercadas porque aqui dentro no Cajual têm umas casas de um pessoal do Jamary (sede do povoado) que têm porco...e é fácil do bicho chegar até aqui para fazer prejuizo na roça dos outros"...Comecei a compreender por esta conversa que Cajual era parte do Jamary.

Eu estava ficando muito cansado, carregando parte do meu equipamento, há quase duas horas de caminhada e antes, tinha eu vindo

de uma viagem de quase 15 horas, bastante fadigado, com muita sede, e a noite já começava a nos envolver. Paulo Souza afirmou quando passavamos pela localidade identificada por ele como Boa Vista também considerada por ele parte de Jamary, que já estavamos um pouco mais da metade do caminho para a sede do povoado. Pensei comigo, lembrando sobre os quilombos que houveram na região: este povo tentou se esconder bem, para dentro da mata, imagina antes mesmo da existência da estrada rodoviária, o acesso ao povoado devia ser bastante dificil, hoje ainda é extremamente penoso para quem não está acostumado, imagina no passado, sem dúvida era uma forma de localização defensiva...Paulo Souza interrompeu meus pensamentos, informando que logo atravessariamos o igarapé. De fato trinta minutos depois entramos por uma região de campo natural, onde a trilha era mais difícil de ser seguida pela areia que tomava parte do caminho e pelo barro que logo apareceu endurecido em blocos que fazia contraponto com a areia. Fui informado que no inverno é uma área bem dificil de ser atravessada, principalmente por animais carregados. Transpomos o anunciado igarapé, conhecido como do Bom Jesus, lugar que se tornava perigoso segundo Paulo Souza no inverno, porque " na época de enxurrada, o igarapézinho que a gente agora vê, vira um igarapezão com uma correnteza bem forte, fácil de carregar um homem. Mas no verão é manso, explicou ele, bom lugar de pescaria, principalmente no entremeio entre inverno e verão quando as água vão baixando. Todo tempo o povo de Jamary usa o Bom Jesus, seja para pescar, seja para pegar água quando os poços secam, seja para tomar banho, seja para as mulheres lavarem roupa"...

Após a pinguela que atravessa o igarapé, tivemos mais meia hora de caminhada para finalmente chegar a sede do povoado. Já eram 19:15h quando conferi o relógio, e enquanto nos aproximávamos mesmo cansado pude notar que as primeiras casas avistadas em meio a noite que nos envolvia, estavam iluminadas pela luz fraca das lamparinas. Caminhamos ainda dentro do povoado uns 10 minutos para chegar a casa dos pais de Paulo, seu Raimundo Souza, onde ficamos hospedados. Este senhor era considerado uma das lideranças principais do povoado. Caminhando devagar ia pensando, quem imaginaria que em meio a esta mata que atravessamos, um povoado tão grande se encontrasse, "relativamente isolado" da perspectiva geográfica, apesar de considerado o constante fluxo dos seus moradores e de sua inserção em um campo de luta e resistência étnica, como será visto no decorrer do texto. Minhas primeiras impressões foram de que o povoado era bem maior do que imaginava ou tinha conhecido e observado no trabalho de campo que fizera junto as comunidades de remanescentes de quilombos na região dos rios Trombetas e Erepecuru, no Estado do Pará. Pelo número das chamas de lamparina que podia entrever na noite, o povoado era extenso e tinha uma forma irregular, com casas em todas direcões que olhasse - mas esta foi apenas uma primeira impressão.

Em casa de seu Raimundo Souza (conhecido no povoado, conforme descobriria depois, como Raimundo Pau Santo por causa da madeira de lei, pau santo, que segundo me explicaram é muito boa para a construção de casas) fomos apresentados ao dono da casa, a outro senhor conhecido como Raimundão (Raimundo Nonato Ferreira)

anunciado como "delegado sindical" do STR.Turiaçu em Jamary, além de dona Anastácia Ribeiro esposa de seu Raimundo Souza e sua sogra, dona Antonia Souza. Haviam outras pessoas que a princípio não foram apresentadas e muitas crianças. Após os cumprimentos de praxe e apresentações feitas e de beber a água oferecida por seu Raimundo Souza, sentei em um banco de madeira encostado em uma das paredes da casa, passando alguns minutos em silencio, até que seu Raimundão, perguntou de onde eu vinha, São Paulo, Brasília...respondi que do Rio de Janeiro, e a partir daí admirados começaram a me perguntar sobre quanto tempo tinha viajado, de que modo ...comentando principalmente o fato de eu ter vindo a pé de Santa Rosa ao Jamary. Suava em bicas e tentava no meu desconforto ser o mais gentil e solicito possível, a roupa suja e suada colada no corpo, pensei comigo na possibilidade de um banho. Logo seu Raimundo Souza perguntou se não gostariamos de nos banhar para depois jantar, manifestei-me favorávelmente como também os pesquisadores da equipe do PVN. Fui até a mochila e na frente da curiosidade de todos abri parte de minha bagagem e retirei uma toalha, a saboneteira e uma bermuda com uma camisa, deixei a mochila ali mesmo onde tinham colocado em cima da mesa da sala e acompanhei seu Raimundo Souza com a equipe do PVN ao local de banho. Indicaram-me o cercado de banho no fundo do quintal da casa, e seu Raimundo Souza mais a frente retirou água de um outro cercado de palha onde ficava o poço, enchendo uma bacia colocada dentro do cercado de banho com uma cuia, da qual me servi para banhar.

Voltando a casa, entrei como tinha saído pela porta de

trás que dava na cozinha, onde se encontravam dona Anastácia e a mãe de seu Raimundo Souza, dando para notar que havia uma pessoa deitada no quarto ao lado da cozinha em uma rede e que olhava em nossa direção (mais tarde identifiquei esta senhora como a mãe de dona Anastácia Ribeiro,na ocasião bem doente, e por isso pouco aparecia, evitando o contato com os visitantes).

Na sala a mesa já estava posta para o jantar e todos nos esperavam. Neste meio tempo pelo menos mais duas pessoas tinham chegado a casa e pude posteriormente identificá-las como o Sr.José Ribamar Pessoa (conhecido como José Pelegrino, de origem cearense casado com uma "filha do Jamary" como ele mesmo dizia) e o Sr. Josevaldo de Oliveira que se apresentou como o fiscal do grupo escolar da região de Jamary. Durante este período a observação era intensa tanto de parte do pesquisador como dos "pesquisados". Logo nos reunimos para o jantar, mas só os visitantes sentaram a mesa e seu Raimundão, o delegado sindical. Todos os da casa, convidados por nós a fazerem o mesmo, desculparam-se dizendo que já tinham jantado mais cedo...Assim somente eu, os pesquisadores do PVN e seu Raimundão sentamos para jantar.

A refeição consistiu em carne assada, tinhamos também a farinha de mandioca, acompanhamento essencial em todas nossas refeições futuras no Jamary, macarrão temperado com uma verdura que não pude a princípio identificar e depois soube tratar-se de uma verdura regional conhecida como vinagreira, pimenta malagueta em quantidade, tinhamos ainda umas bananas grandes, bananas roxas como são conhecidas, nos copos, água de poço abundantemente servida e café

em uma garrafa térmica. Após a refeição ficamos todos na sala conversando um pouco, um dos membros da equipe do PVN, comentava que voltava para dar continuidade ao "trabalho" no povoado, e que desta vez se fazia acompanhado de outras pessoas interessadas em conhecer a história do Jamary, e que participariam também do "trabalho". Seu Raimundo Souza indagava a um dos membros da equipe do PVN sobre sua filha Janoca que morava na cidade de Sao Luis, e com quem tinham entrado em contato a pedido dele, após o que perguntou se não gostariamos de descansar um pouco, prontificando-se a amarrar uma rede que já estava a minha disposição na sala de visitas em um dos ganchos usados para este fim (o que aceitei imediatamente pois estava muito cansado, mal acompanhando a conversa). O membro da equipe do PVN amarrou sua rede ao lado da minha e a outra participante da equipe, pelo fato de ser mulher, foi-lhe destinado o quarto contiguo a sala, onde estavam guardadas nossas mochilas.

Assim, deitei na rede e continuamos um pouco mais a conversar sobre a viagem. Fiquei sabendo naquela ocasião que seu Raimundo Souza e seu Raimundão, com o Pres.do STR. de Turiaçu, sr. Henrique Ribeiro, tinham combinado para o dia seguinte à noite uma reunião dos visitantes com os moradores do povoado.

O Presidente do Sindicato viria de Turiaçu no dia seguinte a fim de participar dos "trabalhos" segundo seu Raimundão. A reunião, como fui informado depois de indagar mais sobre seu objetivo seria para a apresentação da "pesquisa" e dos "pesquisadores" à comunidade de Jamary. O termo comunidade foi usado, segundo nossa observação poucas vezes, uma vez por seu Raimundão para falar da comunidade de

Acervo ISA

base que a igreja católica através da paróquia de Turiaçu tentou fundar em Jamary e que segundo ele não deu certo, "porque o pessoal desaminou", e a outra vez, durante a reunião de apresentação com os moradores do povoado na qual seu Raimundo Souza relacionaria em sua fala, comunidade e família, no contexto em que considerava a necessidade de todos no povoado ajudarem no trabalho. Salvo estes dois casos, arrisco a afirmar que o termo não foi usado em nossas entrevistas e conversas com os moradores do povoado. Ao se referirem ao Jamary foram quase sempre usados os seguintes termos: "o povoado", "o Jamary", "o povoado dos pretos", "o Jamarizão", ou "o Jamary dos pretos". Embora o termo comunidade não fosse uma categoria de referência nativa, pudemos observar durante nossa estada no povoado uma intensa rede de relações pessoais e obrigações familiares a que todos os moradores do Jamary estavam ligados. Constituindo ainda uma comunidade pelo sentimento de pertencer ao mesmo mundo, motivados em suas ações pelos valores e objetivos sociais comuns.

Mas retornando a nossa primeira noite no povoado de Jamary, deitados em nossas redes, discretamente as pessoas foram se despedindo e se retirando, sempre com uma afirmação final de que havia muito trabalho amanhã na roça.

II) O reconhecimento do povoado, a reunião com os moradores e primeiras entrevistas

No dia seguinte, desde bem cedo os sons da casa tinham ajudado a me despertar. Seu Raimundo Souza há muito estava de pé e dona Anastácia, com suas responsabilidades domésticas já tinha ido pegar água no poço, buscado lenha e acendido o fogão que ficava atrás da casa, no terreiro, para preparar o café. Chamavam também minha atenção, pelo barulho que faziam, as galinhas que invadiram os cômodos, apesar dos esforços de dona Anastácia para enxotá-las. Sentia-me de fato em uma casa camponesa. O cachorro com o nome de Baleia e bastante magro, lembrava-me o personagem do livro "Vidas Secas" de Graciliano Ramos. Os dois gatos dormiam pendurados nos esteios da casa. Os porcos e os animais de carga como cavalo, burro e jumento ficavam limitados ao terreiro, que era cercado pela metade, havendo uma ampla saída para o pasto no campo em volta.

Levantei da rede e me dirigi para fora da casa. Pude observar duas divisões no espaço do terreiro, separadas por uma cerca no interior da qual ficavam o fogão de lenha, feito de barro, cajueiros e a criação de galinha ciscando. Na parte mais externa, cruzando o portão, havia o lugar do sanitário e do lado oposto dois poços de água potável e o cercado de banho. Para quem atravessasse de uma lado para outro havia no meio do caminho uma enorme mangueira. Esta parte mais externa do terreiro, onde ficava o curral dos animais de carga, era envolvida por um extenso arboreto que delimitava a unidade doméstica de seu Raimundo Souza do capoeirão fronteiriço ao terreiro do vizinho.

Acervo ISA

Ao me dirigir para a parte do terreiro onde se localizavam os poços e o cercado de banho, encontrei uma pequena mesa com uma bacia da qual me servi para a higiene pessoal. Depois do que voltei a casa, através da cozinha e lá cumprimentei dona Anastácia que lavava panelas junto a janela apoiada em um suporte que se projetava sobre o terreiro. Na cozinha também se encontrava seu Raimundo Souza bebendo café. Caminhando para a sala, notei que sobre a mesa havia uma garrafa térmica de café, bem como alguns bolachas e bananas. Seu Raimundão o delegado sindical, hospede regular qua fazia funcionar na casa de seu Raimundo Souza, por autorização deste,a sede da delegacia sindical, chegara afirmando que tinha saído cedo para conversar com as pessoas, "lutar com o povo", era esta sua expressão. Referia-se, assim, segundo pude compreender, as atividades que desenvolvia na sede do povoado, recebendo mensalidades, conversando sobre os problemas mais comuns dos moradores e filiando novos associados. Seu Raimundão tinha como local de moradia e trabalho a localidade de Boa Vista que na representação espacial dos informantes faz parte da terra de Jamary. A sede do povoado, é considerada o local onde nos encontrávamos, que possui a maior concentração de casas, cerca de cento e cinquenta, encontrando-se também alí os espaços comunitários como o campo de futebol, a capela, o grupo escolar,o barracão de festas, utilizados pelos moradores da sede como também os que residem nas localidades de Boa Vista e Cajual que são consideradas parte integrante do povoado de Jamary.

Seu Raimundão aproveitara a parte da manhã bem cedo, hora

em que todos estavam saindo de casa (indo para os seus centros de roça ou para cuidar das criações, ou ainda caçar e pescar) para conversar, como explicou-me, sobre as questões do sindicato. O povoado de Jamary, tinha segundo ele muitos trabalhadores rurais sindicalizados, - "mas era preciso aumentar ainda mais". Haviam cerca de sessenta trabalhadores sindicalizados, em sua maioria homens e seu Raimundão sempre alertava as pessoas sobre a necessidade de pagarem as mensalidades em dia e de se associar, no caso dos não sindicalizados, para assim garantirem os seus direitos.

Conversava assim com seu Raimundão quando comecei a dirigir o olhar para os pertences e a disposição da sala onde nos encontrávamos. Observei que haviam duas portas. A lateral dando vista para um campo que servia de pasto aos animais, avistando-se mais ao fundo algumas casas vizinhas. Da outra visualizava-se em primeiro plano o campo de futebol e a escola em cima do outeiro, que juntamente com a capela e o barracão de festas posicionados de través, pareciam indicar geograficamente o plano da organização comunitária do povoado, onde realizavam as celebrações e festividades comuns.

Ainda na sala, observava-se na parede perpendicular a entrada principal um grande cartaz com os dizeres "LATIFUNDIO MATA IMPUNEMENTE" e os nomes de lideres camponeses assassinados nos últimos anos no Estado do Maranhão. O significado deste cartaz subscrito por uma série de entidades da sociedade civil, pude apreendê-lo quando moradores do Jamary testemunharam sobre as pretensões de grandes proprietários de terra de Turiaçu e da empresa

Acervo ISA

agropecuária Ceres, que agem no sentido de se estabelecer dentro dos limites territoriais do povoado, havendo inclusive ameaças de morte há alguns de seus moradores, passando assim a se configurar um campo de posições antagônicas a partir do conflito.

Estava absorto nessas observações quando fui chamado pelo dono da casa e o delegado sindical para participar juntamente com os membros da equipe do PVN de uma reunião, onde em função de nossas informações sobre os objetivos da visita que fazíamos ao povoado, seria traçadó uma programação para os dias de nossa permanência. Na presença de várias crianças que nos olhavam com curiosidade demos as explicações devidas, ficando decidido que para a reconstituição da história do povoado através de entrevistas com os moradores mais antigos, depositários da memória social do grupo, seriamos a eles apresentados pelo nosso anfitrião Raimundo Souza, o delegado sindical Raimundão e outros moradores que colaborassem conosco. A equipe do PVN preparou um questionário para o levantamento de dados demográficos e informações sobre as atividades econômicas, uso da terra, manifestações culturais e religiosidade, ficando combinado que para a aplicação do questionário seriam visitadas uma a uma as casas dos moradores da sede do Jamary.

Foi-nos sugerido que começassemos por fazer uma caminhada pelo povoado, com ajuda dos nossos anfitriões. Antes de sairmos, o delegado sindical, declarou que nosso "trabalho" - como passou a ser definido por eles o levantamento de dados - seria bom para o povo do Jamary, porque assim os **direitos humanos** dos moradores poderiam ser melhor respeitados. Perguntei a seu Raimundão o que eram

os direitos humanos, respondendo-me ele: "E tudo que vem ajudar o povo, dando a ele condições de cristão e justiça". Deste modo, estavam incorporando nosso "trabalho" as espectativas de melhoria das suas condições de vida. A palavra cristão aparecia de novo na fala dos informantes, desta vez parece que para denotar condições de vida consideradas mais justas.

Começamos assim, conduzidos por seu Raimundo Souza, seu Raimundão e um outro morador, seu Almir Ribeiro, uma caminhada pela sede do povoado que durou cerca de três horas nessa manhã. A seguir destacarei algumas observações anotadas no caderno de campo sobre a reação dos moradores ao questionário que lhes era aplicado. Quando perguntados no ítem sobre religiosidade se eram católicos ou protestantes, os moradores pareciam não entender a pergunta e se entreolhavam desconfiados, como me pareceu. Ajudados por seu Raimundão, os membros da equipe do PVN explicavam que estavam considerando como católicos os que frequentavam a capela na sede do povoado e protestantes aqueles que costumavam ir, vez por outra a igreja existente na povoação conhecida como Colônia dos Crentes, situada na beira da estrada de rodagem, anterior ao povoado vizinho de Santa Rosa.

A maioria dos respondentes declarou-se católica, enquanto cerca de cinco unidades domésticas, pertencentes a um mesmo ramo familiar, dos Mafra, se disseram crentes. Interessante é que no povoado de Jamary, como soubemos depois, eram comuns as práticas religiosas de origem afro-brasileiras como o Tambor de Mina, muito difundido no Estado do Maranhão. O delegado sindical seu Raimundão,

Acervo ISA

que orientava as respostas que passaram a classificar a maior parte da população da sede como católica, indagado por mim sobre o Tambor de Mina, respondeu exibindo sua carteira de membro da Federação de Espiritismo e Umbanda de Turiaçu, com autorização para celebração de culto em "terreiro" e "tenda", mas depois disso reafirmou que no Jamary "são todos muito católicos". Seu Raimundão era considerado em Jamary como "chefe de terreiro", tendo ouvido ainda referências a ele como "pajé" e"curador". E necessário mais trabalho de campo para dar conta destas manifestações religiosas e das representações em torno de uma liderança do povoado. O terreiro onde seu Raimundão dirigia os cultos, do qual participavam moradores do povoado, ficava no interior da mata, em lugar onde no tempo da escravidão havia uma fazenda de nome Santo Antônio, cujo senhor tinha sido na avaliação dos moradores mais velhos do povoado, segundo as entrevistas que fiz, "um senhor de escravos mau", opinião da qual todos partilhavam.

O aparente paradoxo entre estas práticas religiosas e a afirmação que eram católicos pode ser em parte resolvido pelos comentários, que por sinal provinham mais enfaticamente de seu Raimundão, ouvidos também de vários moradores, em que manifestaram sua decepção por não ter a Igreja Católica de Turiaçu conseguido fundar uma comunidade eclesial de base em Jamary. De início o povo se reunia todos os domingos, conforme contavam, porém aos poucos foram deixando de comparecer, o que atribuíam a escolha da dirigente eclesial feita pelos representantes da paróquia, que apesar do seu saber como professora, não teve forças para resistir as pressões de pessoas de fora do povoado ligadas, no entender deles, aos

latifundiários de Turiaçu. Pode-se deduzir destes comentários que ser católico e pertencer a comunidade eclesial de base é considerado uma tomada de posição contra os interesses dos latifundiários da região. Neste sentido ser católico, como se consideravam, e celebrar cultos afro-brasileiros, eram formas de afiliação distintas e não excludentes, já que articulam domínios sociais diferentes. Mais estudo de campo torna-se necessário para aprofundar essas explicações.

Fizemos a caminhada pelo povoado indo da casa de seu Raimundo Souza até o Outeiro das Queimadas, porta de entrada para quem vem do povoado vizinho de Santa Rosa, atravessando o igarapé do Bom Jesus, exatamente o percurso que tínhamos feito no dia anterior. Paramos na primeira casa, onde funcionava também uma venda de gêneros comestíveis e outros. Ali morava seu Hermogenes Mafra que parecia nos esperar, pois tirou do bolso uma folha de caderno com os nomes de algumas fazendas antigas de escravos que hoje são terras do Jamary, onde plantam os seus roçados e possuem seus chamados "ranchos de trabalho", isto é, suas casas nos centros de roçado que se encontram espalhados nas matas que vão do Cajual, primeira localidade considerada Jamary para quem vem da estrada rodoviária, até a margem do rio Caxias no extremo oposto.

Do Cajual, que foi sede de fazenda no tempo da escravidão, vinha segundo anotação de seu Hermogenes, a família Mafra da qual era membro. Da fazenda Santana, do antigo senhor de escravos Cazuza Ribeiro, provinha o ramo da família Ribeiro, formada também por ex-escravos. Haviam moradores do povoado que eram originários da fazenda

Acervo ISA

Bom Jesus, como a família Souza. Outras fazendas foram ainda citadas, sem referência às famílias que delas provinham, como a Tapera de Nhadona, Santa Cruz e Santo Antônio do senhor de escravos mais cruel chamado Licurgo.

O povoado de Jamary, de acordo com essas explicações de seu Hermogenes, é formado por descendentes de famílias de escravos originários de antigas fazendas da região, o que parece se coadunar com o critério de convergência dos "escravos fugidos" de diferentes propriedades que caracteriza "quilombo".

Seu Hermogenes, nos serviu café e bolachas, dispondo-se a contar algumas histórias sobre o povoado. Logo apareceu sua mãe, pedi licença para filmá-los com a câmara video, vestindo seu Hermogenes rapidamente a camisa como preparativo para a gravação. Sugeriram-me filmar, nas imediações da casa, a entrada do povoado, que consistia de uma trilha aberta no campo natural delimitado por um palmar. Era formado o palmar por uma espécie de planta com caule fino e espinhos em forma de agulha, que recebia a designação local de jamarizal. Pela profusão destas plantas admitiam os moradores do povoado originar-se o nome de Jamary.

Segundo era comentado à boca pequena no povoado, seu Hermogenes tinha sido sub-delegado de polícia (cargo que diziam ser de "inspetor de quarteirão"), nomeado pelos políticos de Turiaçu. Disseram que teria se posicionado ao lado dos "latifundiários", membros das famílias Rabelo e Fonseca, que exerciam o controle político em Turiaçu, em um conflito entre eles e os moradores do povoado. O conflito ocorreu na década de oitenta, quando estes

"fazendeiros", como também eram chamados, apresentaram-se como pretensos proprietários de metade das terras do povoado de Jamary. Foi-me esclarecido por seu Raimundo Souza que o Jamary ao todo possui uma área de 13.000 ha. Porém, os **grileiros**, como neste contexto foram denominados, pleiteavam ainda ficar com a metade dessa área. Segundo os relatos, através de uma reunião com os moradores do povoado passaram a negociar o reconhecimento da sua pretensa propriedade sobre esta área, solicitando também que os moradores em troca da garantia de que ficariam com a posse da outra metade, delimitassem para eles a separação dos dois terrenos com picadas abertas na mata.

A reprovação a seu Hermogenes era de que ele teria aceitado intermediar essas negociações. A acusação velada de que se deixara manipular por interesses contrários aos dos moradores, fez com que, pelo menos assim pareceu a muitos, saísse do povoado por uns tempos, passando a morar na cidade de Turiaçu. Voltou a fixar residência no povoado há alguns anos em uma casa construída nos limites confrontantes do povoado, cedendo sua antiga residência em posição simetricamente oposta a casa de seu Raimundo Souza, na parte mais central do povoado, aos seus pais. Nas últimas eleições municipais, disseram ainda que ele se candidatou a vereador mal conseguindo os votos de familiares em Jamary.

A diferenciação interna entre os moradores do povoado, transforma-se em ruptura das relações estabelecidas e mudança de posições a partir da mediação negada.

Continuamos nossa caminhada pelo povoado e observei que

Acervo ISA

muitas casas pelas quais passavamos estavam fechadas, sendo informado que seus moradores se encontravam trabalhando nos seus centros de roçados. Subimos o outeiro da escola, dirigindo-nos depois ao local do"barracão de festas" do povoado, sendo comentado na ocasião que o barracão ia ser reformado para festa do fim de ano, no dia 31 de dezembro, data comemorativa de Nossa Senhora das Graças, padroeira do povoado de Jamary. Todos foram unânimes em descrever a grandeza desta festa, que durava até quatro dias, vindo gente de todos os povoados próximos de Jamary, inclusive os habitantes da cidade de Turiaçu e da cidade de Santa Helena, sede do município vizinho de mesmo nome. Os moradores de Jamary recebiam por esta época a visita dos seus familiares que haviam se mudado para a capital do Estado, São Luiz, ou para outras capitais do Norte, como Belém do Pará, mencionada por alguns. A festa era segundo eles a maior de todos os povoados de Turiaçu.

No Jamary os moradores organizavam-se para a festa com alguns meses de antecedência, havendo ao final de cada comemoração a escolha dos encarregados da próxima. O princípal deles era chamado de "juiz da festa", ajudado pelos "mordomos", incumbidos de recolher as oferendas a padroeira e o pagamento das promessas, além de ser definida uma cota das suas contribuições para os festejos.

Na festa da padroeira fazem novenas e uma procissão com a imagem da santa, havendo também o lado profano da comemoração, com o erguimento de um mastro enfeitado com oferendas e presentes, assim como é arrumada uma mesa com comidas e bebidas que são servidas aos promotores da festa, o "juiz" e os "mordomos". Comemoram com bailes,

Acervo ISA

havendo ainda apresentação dos cantores e dançadeiras do **tambor de criola**. No mastro erguido no primeiro dia da festa, tremula uma bandeira com a figura de uma pomba, sendo que qualquer pessoa pode retirar uma oferenda do mastro, mas no momento em que o fizer será detido pelos "mordomos" e obrigado a pagar valor monetário estipulado em troca da liberdade. Os participantes se divertem muito com isso, e o apurado se destina ao pagamento dos gastos com a festa e o que vier a sobrar economizar-se-á para os próximos festejos.

Nos últimos anos, pelo grande número de pessoas que vêm participando da festa, substituíram as mesas onde eram servidas as comidas e bebidas por barraquinhas de venda desses produtos. Outras mudanças também foram comentadas por eles. De alguns anos para cá disseram que não se celebraram mais as festas promovidas por algumas famílias em honra do seu santo padroeiro, com a participação de todos os moradores do povoado. Nesses festejos patrocinados pelo "dono do santo", comemoravam também com a realização de um baile e apresentação do "**tambor de criola**". O baile era animado por músicos do Jamary e outros vindos de povoados próximos, que tocavam em troca da participação deles na festa, consumindo a comida e bebida oferecidas generosamente. Hoje, segundo os informantes, a música da festa da padroeira, comemoração comunitária que substituiu todas as outras é tocada por aparelhagem eletrônica através de alto falantes e caixas acústicas pagas a preços considerados elevados.

Após os comentários que fizeram sobre as festas no povoado convidaram-me para uma visita a capela. Consagrada a N.S. das

Graças, a capela do povoado é uma construção de estuque, barro e teto de palha, sendo utilizados troncos de árvores como assentos. No centro da capela, um oratório de madeira conservava a imagem de N.S. das Graças, ladeada pelas imagens de São Lázaro e São Benedito. Estava acompanhado de seu Raimundão quando entrei na capela. Disse ele que no mês de maio de cada ano, acontecia a novena de N.Senhora, sendo as rezas diárias, com maior participação das mulheres do povoado e jovens. Saindo da capela, já quase ao meio dia, seu Raimundo Souza sugeriu que voltássemos a sua casa, para almoçar e fazer a sesta. Assim todos nos dirigimos a casa de seu Raimundo Souza, menos seu Almir que se despediu e disse que ia para sua casa e a tarde apareceria.

Na casa de seu Raimundo Souza guardei meu material de trabalho e me dirigi para a sala. Encontrei a mesa posta, aguardando os outros comensais. Logo eles chegaram e sentamos a mesa, eu, Raimundão, e os membros da equipe do PVN. Por insistência nossa, seu Raimundo Souza sentou-se conosco para almoçar. Dona Anastácia até então, pouco vinha a sala, na realidade nestes primeiros dias só a vi chegar para pôr ou retirar a mesa, sempre ajudada por Raimundão. Seu Raimundo Souza sentou-se na cabeceira ,lugar onde antes se sentava seu Raimundão. Eu permaneci sentado na posição que fora para mim indicada, desde a primeira refeição, na cabeceira oposta. Tinhamos na refeição a farinha de mandioca de sempre, a pimenta malagueta, talharim e arroz. Seu Raimundo Souza comentou que agora, infelizmente, não comeríamos mais o arroz do Jamary. Este que consumíamos era um "arroz comprado" e o Jamary já fora conhecido

como a terra do arroz há cerca de uns três anos atrás. Mas uma praga, segundo suas considerações, começou a prejudicar o crescimento e colheita do cereal, precisando ser combatida como lhes fora orientado com um "remédio" caro e perigoso. Indagado por mim por que perigoso, ele afirmou que os lavradores que usavam o "remédio" com o tempo passavam a se sentir fracos e cansados, e que tinha inclusive acontecido o caso da morte de uma mulher relacionado ao seu uso. Seu Raimundo Souza afirmou que "remédios" como o Andrex ou Andrec eram muito bons para a planta do arroz, mas de mal resultado para quem o planta . A conversa sobre os alimentos e sua produção no decorrer do almoço era observada por dona Anastácia, postada de pé no compartimento entre a cozinha e a sala, podendo-se entrever a satisfação que sentia, manifestada por um leve sorriso, quando eu ou um dos outros visitantes repetiam a refeição.

Aproveitei a ocasião para entabular uma conversa com seu Raimundo Souza e seu Raimundão, perguntando-lhes qual a maior produção do Jamary. Responderam que em primeiro lugar consideravam a mandioca, da qual fazem a farinha, plantam milho também em quantidade, abóbora e outros gêneros como a batata, o cará, o carapato (uma espécie de mamona de onde se extrai óleo, considerado bom remédio para muita coisa como dizem), banana e muito mais, disseram eles, mas a maior produção atualmente para venda era de milho, vendido para comerciantes de Turiaçu e Santa Helena e pequenos suinocultores de povoados vizinhos - reconheciam, contudo, que nem assim conseguiam escoar sua produção pela falta de um ramal de estrada de rodagem que facilitasse a "comercialização" das safras.

Após o almoço, acompanhei sentado no banco, seu Raimundão ajudar dona Anastacia a tirar a mesa e conheci a hierarquia da refeição: após os adultos comerem, dona Anastacia com o restante da refeição, fez um prato para ela, outro para sua mãe, e depois preparou um prato para o menino que permanecia todo tempo sentado no alpendre da casa nos olhando. Seu nome descobri depois, era Raimundo, afilhado do dono da casa e conhecido pelo apelido de Mocambinho, porque segundo todos tinha o hábito de fugir da casa da avó e da escola para ficar brincando. A idéia de fuga estava assim sempre associada ao termo mocambo.

Seu Raimundo Souza perguntou se eu não queria deitar um pouco para descansar depois da refeição, seguindo o hábito da sesta nas horas mais quentes do dia. Já na rede, seu Raimundão que amarrara a sua do outro lado da sala, entabulou uma conversa sobre conflitos de terra ocorridos na região, contando também sua vida egressa de homem do mar, fazendo a linha de barco que ligava São Luis a Belém do Pará. O "delegado sindical" do Jamary tivera assim uma experiência de vida urbana antes de desempenhar o papel de liderança política no povoado. Aos poucos a casa foi ficando em silêncio, não vinham sons nem de fora, parecia que todo povoado adormeceu com o calor meridiano. Nestas primeiras horas da tarde, fui descobrindo que Jamary dormia, a exceção das crianças menores e a criacão de terreiro. Podia-se andar pelo povoado e encontrar todas as casas fechadas ou entreabertas, com as pessoas em pesado sono embaladas em suas redes, mais parecia um povoado abandonado, vazio, o que se modificaria duas horas depois, com o movimento do despertar fazendo

Acervo ISA

novamente a vida bater no coração do povoado. Com o passar dos dias acabei aproveitando este intervalo da sesta para minhas leituras e anotações de campo.

Passadas as horas meridianas retomamos o "trabalho" voltando a fazer nossa caminhada de reconhecimento do povoado na companhia de seu Raimundo Souza, que nos levou a conhecer as localidades mais proximas da mata, o "centro" como dizem, nos limites ao fundo do perimetro da sede do povoado. Dirigimo-nos primeiro para a localidade conhecida como Grota, onde pude observar uma plantação de tabaco (um "tabacalzinho" como dizia seu Raimundo Souza). A pequena plantação estava ao lado de uma casa fechada, cujos moradores encontravam-se no seu "centro de roça" e segundo seu Raimundo Souza eram da família Mafra do Jamary. O canteiro de tabaco tinha cerca de 50 metros quadrados, com suas folhas grandes amarelando de baixo para cima. Seu Raimundo Souza informou que logo poderiam ser colhidas e postas para secar, antes do período das chuvas (estávamos no fim do mês de setembro, época do verão ou da "seca" como dizem). Depois de secar as folhas seriam esticadas e amarradas bem atochadas na forma de um rolo, fazendo-se a amarração com fibra de palha. Mas para ficar bom mesmo(muito embora as folhas maduras e secas já pudessem ser fumadas), o rolo de fumo deveria ser posto para maturar durante um prazo variável de três meses a um ano, sempre junto a terra, no chão da cozinha de casa ou no quarto (como pude observar na casa de seu Raimundo Souza), caso não "melasse" ficaria um fumo dos bons. Posteriormente seu Raimundo Souza, já em sua casa mostrou um rolo de fumo que ele tinha colocado para "descançar" e

posteriormente ser usado, oferecendo um pedaço para que eu provasse. De volta a caminhada que fazíamos, depois da conversa sobre a plantação de tabaco passamos por dois poços de água potável para uso de todos,"poços comuns" como disse seu Raimundo Souza. Os poços eram cercados e tinham uma cobertura de palha, semelhante aos dois poços existentes na parte dos fundos do quintal da cása de seu Raimundo Souza de uso exclusivo da sua unidade doméstica.

Na sequência de nossa caminhada, indaguei a seu Raimundo Souza sobre as "casas de farinha" que haviam no povoado. Ele disse que na sede do povoado haviam bem poucas, a maioria delas se localizavam nos"centros de roçado", como no seu caso e dos seus filhos. Próximo das roças de mandioca ficava mais fácil de farinar, como explicou, havendo ainda a vantagem da proximidade da mata, obtendo-se com menos esforço a lenha para o forno. Depois dessas considerações ele me levou em uma "casa de farinha" a cerca de cem metros de onde estávamos. Lá encontramos um casal torrando farinha para seu consumo. Eram um exemplo vivo dos procedimentos necessários a este tipo de beneficiamento que seu Raimundo Souza procurava me descrever.

Ficava sempre impressionado com a capacidade que seu Raimundo Souza demostrava de saber sobre tudo o que estava ocorrendo no povoado, levando-se em conta que o povoado de Jamary era bastante extenso segundo minha observaçào. Para percorrê-lo todo, e de maneira rápida, eram precisos no mínimo uns quarenta minutos. No entanto, seu Raimundo Souza sempre sabia quem estava matando um porco, quem tinha carne de gado para vender, quem foi pescar e se trouxe peixe,

quem tinha voltado do roçado, quem estava indo para lá, onde estavam pastando os animais de carga soltos durante a noite, enfim um controle do dia a dia do povoado. Posteriormente passei em parte a compreender esta capacidade de seu Raimundo Souza de estar sempre bem informado, atribuindo-a as constantes visitas que recebia de muitos moradores do povoado que costumeiramente vinham até sua casa para conversar, principalmente a noite.

A casa que visitamos, onde torravam farinha pertencia ao Sr. João Mafra. Seu Raimundo Souza entrou primeiro e logo foi comunicando que eu gostaria de filmar o trabalho que faziam. Frente a um imenso tacho estava torrando farinha Joãozinho Mafra, filho do dono da casa, ajudado pela sua esposa, Dona Socorro, que alimentava de lenha a fornalha. O casal morava em uma outra casa mais afastada dos pais, nas proximidades da escola do povoado, onde Dona Socorro era professora. Eles explicaram que estavam ali torrando farinha para alimentação dos seus filhos, já que não tinham "casa de farinha" própria. João Mafra, o dono da casa, estava com outros membros da sua unidade doméstica trabalhando no seu "**centro de roçado**". No quintal da casa, como é comum no Jamary, muitas galinhas e porcos esgaravatavam o terreno.

Após esta filmagem, saimos eu e seu Raimundo Souza em direção a algumas casas do lado direito, incorporando-nos ao grupo constituido pelos pesquisadores do PVN que aplicavam seus questionários. Andamos um pouco mais e paramos na casa da professora Paula do grupo escolar do povoado. Seu Raimundão que acompanhava os pesquisadores apresentou-nos e ficamos conversando no grupo formado

pela professora Paula, uma jovem senhora com seus trinta anos, mãe de pelo menos cinco filhos, sendo que o último tinha apenas um mês, e mais duas senhoras que estavam em sua companhia, identificadas apenas como suas primas. Dos interlocutores estavamos eu, seu Raimundo Souza, seu Raimundão e os dois pesquisadores do PVN. Seu Raimundão começou explicando o "trabalho" que estava sendo feito e foi reforçado em suas explicações por um dos participantes do projeto e por seu Raimundo Souza que também apresentou sua versão sobre o "trabalho".

Aproveitei a ocasião para falar aos presentes da importância de se levantar a história do povoado através dos testemunhos que seus moradores viessem a nos confiar. A professora Paula concordou em seguida que nosso "trabalho" poderia ser muito importante para eles: "se o povo de fora souber do sacrifício e da luta da nossa vida vai nos dar mais valor", afirmou textualmente.

A conversa se encaminhou para a necessidade, segundo o ponto de vista dos moradores do povoado que nos acompanhavam, da professora Paula engajar-se na luta pelas melhorias das condições de vida do povoado, ajudando na fundação de uma associação de moradores,tendo em vista que nas palavras de seu Raimundo Souza , " se depender destes políticos de Turiaçu, nós vamos ficar por aqui largado e só lembrado no dia da eleição para votar neles mesmos, coisa que não farei mais".

Após a visita a casa da professora, com o sol se pondo, caminhamos de volta a casa de seu Raimundo Souza. Lá nos esperava seu José Pessoa, apelidado José Pelegrino, natural do Ceará, com

Acervo ISA

sessenta e cinco anos, que nos falou depois das apresentações feitas morar em Jamary desde rapazinho, sendo casado com uma "filha da terra". Seu José Pelegrino enquanto estivemos no povoado de Jamary, todas as noites vinha a casa de seu Raimundo Souza para conversar, trazendo sempre "um agrado" nas palavras dele, perguntando-nos se já conheciamos produtos tais como farinha de tapioca, raiz de macaxeira, cara, ovos de pato, coco de tucum (tucuma), tabaco em rolo etc. Tudo bem aproveitado em nossas refeições. A noite descia sobre Jamary, o céu, de azul vai ficando violeta e uma faixa mais avermelhada podia ser vista, as crianças me disseram que era a faixa do sul, a primeira estrela apareceu e logo estavam todas lá a nos observar, as carapanãs também se anunciavam, obrigando-nos ao refúgio da casa e as portas fechadas. O jantar logo é servido, com galinha como prato principal, todos estavam na expectativa da chegada de Henrique presidente em exercício do STR de Turiaçu, pois ainda esta noite teríamos a reunião já convocada pelas lideranças do povoado para nossa apresentação ao conjunto dos moradores, fazendo-se os esclarecimentos necessários sobre os objetivos do nosso "trabalho". Henrique acabou nào chegando para a reunião marcada para as 20:00 horas, ele só chegaria na manhã seguinte, desculpando-se pelo fato de ter ficado retido em Turiaçu por causa de um filho doente.

A reunião acabou acontecendo sem ele e todos nos dirigimos a capela, local do encontro, com a presença de aproximadamente cem pessoas entre homens, mulheres e crianças. Estavam lá vários moradores com os quais já tínhamos mantido contato. A reunião serviu para oficializar publicamente as explicações sobre os objetivos da

nossa estada no Jamary, que já vinham sendo feitas nos encontros pessoais. Quase ao final seu Raimundão apresentou-me a senhora Catarina Ribeiro que conversou comigo, tinha sessenta anos aproximadamente e nascera e vivera no "**povoado dos pretos**", segundo suas palavras. Seu pai era índio e sua mãe natural do Jamary, ele teria vindo morar no "**povoado dos pretos**" onde a conhecerá. Sua bisavó tinha sido escrava na fazenda Santana, de Cazuza Ribeiro e lá engravidou do patrão, a senhora tentou expulsar a "preta",sua bisavó, mas o senhor não deixou, pois teria afirmado "que queria a preta dentro do seu coração". Posteriormente o senhor morreu e a fazenda foi "enfraquecendo", nos tempos do fim da escravatura e sua bisavó foi ficando por alí na fazenda e acabou se "amasiando" de outro "preto". Eles passaram então a morar e trabalhar nas terras do Jamary. Desculpou-se por não saber mais histórias pois sua memória mais parecia um cueiro, vivia vazando. Perguntei se alguma vez sua mãe ou avó tinham-lhe contado sobre mocambo ou mocambeiros, ela disse que não se lembrava, só das fazendas de escravos que existiram na região, como o Cajual, a Santana, a Tapera de Nhadona, a fazenda Santa Cruz e a Santa Barbara, mas ouvira falar muito dos "**lugares de moradia antigo, moradia dos pretos, como o Centro das Mangueiras e o Bonisário**". Indaguei então se esses lugares de moradia eram fazendas, ela disse que não, eram "**colônias dos pretos velhos**". O fim da entrevista coincidiu com o término da reunião, todos iam aos poucos se retirando, formando-se alguns grupos do lado de fora da capela. Parei junto a seu José Pessoa e Josevaldo que conversaram comigo a respeito do fábrico da farinha e as dificuldades de vende-la

a um preço considerado bom.

O encontro dessa noite com boa parte dos moradores da sede do povoado abriu as possibilidades para as entrevistas com os mais idosos, a princípio apontados pelos nossos colaboradores mais próximos e depois os próprios entrevistados indicavam uns aos outros para contar o que sabiam da sua história.

Acervo ISA

III) Em busca da história do Jamary: a memória social de um povoado de remanescentes de quilombos (entrevistas e depoimentos)

No dia seguinte a reunião como os moradores do povoado pela manhã chegou a casa de seu Raimundo Souza o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Turiaçu, Henrique Ribeiro, natural de Jamary, com cerca de trinta anos, hoje morando com sua familia no povoado vizinho de Capoeira de Aniranha, mantendo no entanto estreitos laços de amizade e parentesco em Jamary,como membro dos dois ramos familiares mais extensos do povoado, os Ribeiro e também os Mafra. Henrique era o vice-presidente do Sindicato até as últimas eleições municipais, quando o presidente então em exercício afastou-se para lançar sua candidatura a vereador.

Ao chegar, Henrique Ribeiro, pediu desculpas a todos por não ter sido possível participar da reunião da véspera como tinha combinado. Viera para se incorporar como colaborador ao "trabalho" que os pesquisadores faziam no Jamary. Naquele dia pretendiamos visitar alguns dos moradores mais idosos e saímos em direção ao centro do povoado. Depois de caminhar em linha reta por uns dez minutos, chegamos a uma casa que tinha a porta entreaberta. O primeiro a atravessá-la foi seu Raimundão que já dentro da casa foi anunciando os demais e explicando os motivos de nossa visita. Ficamos todos aguardando do lado de fora, as janelas se abriram, e deu para notar que alguém se movimentava com muito custo pela sala, e já com a porta inteiramente aberta pudemos observar a chegada lenta de um senhor apoiado em uma bengala que caminhava em direção a uma cadeira

de palha. Os visitantes entraram cumprimentando-lhe e também a uma senhora que agora aparecia vindo do interior da casa.

Seu Raimundão explicou-nos que - " o amigo estava muito doente mas receberia os visitantes vindo de tão longe para fazer um trabalho importante". O senhor olhava somente para seu Raimundão, que lhe pediu para contar vagarosamente e sem se esforçar muito algumas das histórias dos "**pretos velhos**" que tantas vezes ele próprio ouvira. Tratava-se do Sr. Estanislau Mafra com mais de noventa anos, um dos moradores mais antigos do Jamary, que conhecia de forma mais direta as histórias contadas e vividas por seus pais vindos do tempo da escravidão.

O Sr. Estanislau sentou-se em uma cadeira de palha, ficando atrás dele uma cômoda sobre a qual estavam expostos vários quadros de santo, o maior com a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, encontrada na maioria das casas do povoado que tivemos a oportunidade de visitar, as outras imagens sendo de São Jorge e São Benedito como pude observar. Olhou-nos em silêncio e começou dizendo muito devagar e baixo que não estava muito bem, com a garganta doente, mal conseguindo falar e que sabia pouca coisa de importante. Ponderei que qualquer coisa que contasse para nós seria importante, o que o fez dirigir o olhar para mim e dizer: "Nasci e me criei neste lugar. Meu pai se chamava Marciano Mafra, foi escravo da fazenda Cajual, minha mãe se chamava Rita e era do Jamary mesmo. Meu pai morreu eu já era rapaz, ao todo éramos treze irmãos, ou quatorze já não me lembro, foram todos morrendo aos poucos, restam algumas das "meninas" por aí. Meu pai morreu trabalhando na roça, um

pau grande que ele derrubava, deu um vento e acabou virando em cima dele, eu o carreguei até em casa para morrer lá. Nós viviamos aqui no Jamary e também no Cajual, onde trabalhávamos no roçado e mantinhamos residência temporária. No Cajual tinha muita plantação de café ainda do tempo da escravatura, pois quando chegou a liberdade, os senhores abandonaram as terras e quem tomou conta das plantações foram os **pretos**. Lá no Cajual eu era rapaz quando houve um ataque de caboclos da mata - indaguei índios? - sim, ele disse, índios brabos, eles mataram quatro pessoas, inclusive um irmão meu, nós conseguimos nos esconder na mata, e depois armados fomos atrás deles, pegamos alguns..." Neste momento o Sr. Estanlislau fez silêncio, virando o olhar para seu Raimundão e logo depois para a imagem de N.S. do Perpetuo Socorro. Raimundão tocou sua mão em um leve afago e seu Estanislau voltou a nos contar sua história. "Após o ataque dos caboclos da mata abandonamos a moradia temporária no Cajual, fixando-nos de vez aqui no povoado do Jamary que já estava formado, já havia muita gente morando neste lugar velho, muito velho". Nessa época, segundo explicou, continuaram a trabalhar no Cajual reunidos em grupos de famílias que se revezavam entre o trabalho no roçado e a vigília na mata para defesa contra possíveis ataques. Continuou dizendo: "viviamos bem aqui, havia fartura de tudo, eu nunca me casei, fiquei a frente da família cuidando de meus irmãos e agora vou me despedindo da vida".

Perguntei-lhe em certo momento da entrevista se já tinha ouvido falar em mocambo ou mocambeiro, ao que me olhou, e pareceu ensaiar um sorriso, e dirigindo o olhar para seu Raimundão

disse baixo, - "sim meu pai cruzou muitas vezes com eles, que vinham até as fazendas buscar gente (outros escravos que os acompanhavam na fuga para o mocambo) e coisas (como sal, ferramentas, utensílios e outros gêneros que não produziam), voltando para as matas por aí, eles vinham sempre à noite, e pediam coisas que meu pai ajudava a carregar"... Neste momento do relato o Sr. Estanislau parou de falar, dizendo depois: **olhou-oiou-mucumbaiou - zoio-olhou-boca-calou**, eu perguntei: o que? - e ele repetiu, **Zoio-olhou-boca-calou**, explicando diante da nossa perplexidade que assim falavam os **mocambeiros** para seu pai, e assim seu pai tinha lhe contado. Isso se passava antes da liberdade nos tempos ainda da escravatura, como explicou, os **pretos** não gostavam de ficar sujeito e haviam senhores maus como aquele da Santo Antonio, de nome Licurgo, como contava seu pai. Voltei a lhe perguntar sobre o que queriam dizer as palavras que pronunciara. Ele já parecendo cansado respondeu que eram para avisar que fosse respeitado o silêncio, fazendo-se segredo sobre o que foi visto para evitar a perseguição dos senhores. O Sr. Estanislau calou-se e resolvemos nos despedir agradecendo sua entrevista e dizendo-lhe que suas informações foram muito valiosas , ao que ele balançou a cabeça afirmativamente, dizendo ao final quando nos dirigiamos para a porta, "que Deus nos proteja e tenha de nós piedade".

As outras entrevistas só foram feitas à tarde. Nossos guias e colaboradores nos levaram a casa de dona Severa Mafra, irmã de seu Estanislau Mafra que entrevistáramos pela manhã, e morava do lado oposto a casa de seu irmão no povoado. D. Severa era uma senhora de

Acervo ISA

94 anos. Andava encurvada com o apoio de uma bengala. Eu já a tinha observado durante a reunião de apresentação na capela do povoado, encurvada por problemas no espinhaço como ela dizia, embora possuisse na verdade uma deformação física muito comum as mulheres quebradeiras do côco de babaçu. D. Severa tinha sido, como ficamos sabendo, quebradeira de côco durante todo o longo ciclo deste produto extrativista no povoado. A quebra do babaçu para fins comerciais tinha se iniciado no povoado segundo nossos informantes na década de 30, diminuindo sua produção nos anos 80, porque os comerciantes de Turiaçu, que eram os compradores, reduziram a demanda e "o povo começou desanimar", como disse D. Severa. Por isso os mais jovens preferiram dedicar-se ao roçado e as criações, hoje só se quebra côco babaçu no povoado para consumo familiar, sendo esta uma tarefa das mulheres e crianças.

Dona Severa Mafra nos recebeu sentada no alpendre de sua casa e depois das apresentações feitas, começou alegre a falar. Segundo nosso guia seu Raimundão, em conversa antes de chegarmos a casa de D. Severa, ela morava sozinha e ficava sempre feliz quando aparecia alguém para conversar. D. Severa traçou inicialmente sua filiação, seus pais foram Marciano Mafra e Rita Soares, sendo ela irmã de Estanislau com quem já tinhamos conversado pela manhã. Segundo contou, seu pai vinha da fazenda Cajual dos tempos da escravatura e a mãe era filha dali mesmo do Jamary. Quando ela era jovem a família vivia entre o povoado de Jamary e as terras do Cajual onde havia um cafezal plantado pelo seu pai ainda nos tempos em que fora escravo, continuando a cuidar da plantação com o fim da

escravidão. Explicou que seu pai se considerava herdeiro das terras do Cajual, herdando também o sobrenome Mafra dos antigos senhores. Lembrou-se D. Severa do mesmo episódio contado pelo seu irmão - uma certa manhã estavam todos trabalhando no cafezal, ela era ainda menina e ajudava sua mãe a colher o café ou ficava por ali mesmo brincando, quando os "**compadres de mata**" (isto é, os índios) chegaram querendo levar as coisas e atacando as pessoas que se assustavam ou não permitiam que assim fizessem. Apesar de muito menina na época, ela ainda se recorda que sua mãe a carregou junto com os irmãos para dentro da mata, sendo um dos seus irmãos mais velhos morto por flechas lançadas pelos "**compadres da mata**". Depois do sucedido seus pais resolveram ficar de vez em Jamary onde havia mais gente morando e era mais seguro naqueles tempos. Na sua entrevista e de seu irmão os nomes de antigas fazendas foram associados ao tempo da escravidão em contraposição ao Jamary, considerado um povoado que se formou a partir de um "**lugar velho**" de moradia dos "**pretos livres**".

D. Severa, como seu irmão, lembrou-se das circunstâncias do falecimento de seu pai, associando a seguir essa perda com a morte de uma das suas filhas, quando trabalhava em Areia Branca, nome de um **centro de roçado**. Como D. Severa pareceu ficar triste pela lembrança de seus mortos, perguntei-lhe sobre os gêneros que eram plantados e colhidos nos tempos antigos, ela pareceu se animar e disse: "seu moço já (trabalhei) muito de roça, botava de tudo, arroz, algodão,milho, gergelim, carapato(mamona), batata, cará. Quebrei muito côco de babaçu, que era vendido aqui para um barrequeiro do povoado que já morreu e comprava o côco quebrado para um patrão de

Turiaçu". O côco quebrado de babaçu, segundo me explicou, era levado no lombo dos animais até o porto de Gurita onde era embarcado em canoas a remo até Turiaçu ou Santa Helena. Segundo disse, até pouco tempo atrás ela morou na localidade dentro do Jamary chamada Arrudá, onde tinha plantado muito babaçu,todas plantas suas , e enquanto pode e a idade permitiu colheu para comer e fazer o óleo. Perguntei a dona Severa porque aquele babaçu era sua planta, ao que respondeu sorrindo, perguntando se eu não sabia, que "planta" era tudo que a gente semeia e colhe, e " mato" era produto da natureza, aquilo que estava na natureza, como as palmeiras e coqueiros e os pau grandes de madeira. Logo a seguir perguntei-lhe sobre as festas, pois sabia por seu Raimundão que ela tinha sido "das festas e das danças". D. Severa abriu um sorriso e foi dizendo "é verdade eu era da festa, fui dançadeira de tambor, daquelas que dançavam tocando um tamborete pequeno amarrado na cintura, como era antigamente. Dancei muita rebeca, quadrilha, ronca, nada disso existe mais do jeito que era...Já dancei jurado, que a gente dançava sozinha estalando os dedos, haviam muitas festas, as famílias faziam festas para seu santos, a festa da padroeira durava quatro, cinco dias, e era tudo de graça, não como hoje que temos que ter o dinheiro, senáo, não se come, não se bebe, não se dança, não há dinheiro que baste... As crianças não eram como hoje, não podiam ir a festa, tinham que brincar em separado, a gente matava boi, socava muito arroz e cada um trazia sua farinha , a garapa era dada pelo "juiz da festa", que sabia quem podia beber e quanto. Toquei muita caixa(tambor), muito tamborete, nas festas antigas, a festa do dia de São Benedito, a

festa de Divino e a festa de Santa Maria... Hoje tudo isto está fraco". Seu Raimundão disse que no dia seguinte ia haver uma apresentação de "tambor de criola" no povoado, deu para notar a animação de D. Severa, que se conteve dizendo que agora não mais poderia assistir a "festa do tambor" porque "é crente", deixando também de "pitar e beber" ...mas aí pergunta de novo com os olhos brilhando ou rasos d'água, "vai ter tambor? que horas? se eu me sentir bem vou dar uma olhada, senão fico daqui escutando"...Durante um bom tempo apreveitei para filmar e gravar a entrevista com D. Severa, que parecia satisfeita com nossa visita, desculpou-se ao final por não ter nada a oferecer, e que estava esperando um peixe que uns meninos tinham ido pescar para ela no igarapé do Bom Jesus.

Os meninos de cada família pareciam ter a obrigação de zelar por seus parentes mais velhos, inclusive dormindo em suas casas quando estes solicitavam sua ajuda,sendo que toda vez que caçavam ou pescavam ou iam na roça fazer farinha, uma parte do produto era sempre dado aos mais velhos da família, criando-se uma rede de obrigações de parentesco, que me pareceu fundamental para a manutenção das pessoas mais idosas do povoado, como no caso de D. Severa Mafra. Muito embora alguns idosos fossem aposentadas como trabalhador rural, o que recebiam de proventos era considerado pouco para a sobrevivência e "demorava a chegar", sempre os velhos ficavam na dependência de seus "procuradores" (moradores de Turiaçu ou de outros povoados mais próximos da sede do município que tinham algum laço de parentesco ou de compadrio com os aposentados). Eram eles que recebiam os proventos e enviavam parte em mercadorias e parte

em dinheiro para os aposentados, mas sempre com bastante atraso. A parte do dinheiro que recebiam era de maneira geral entregue a um parente de confiança no povoado, que se encarregava de ajudá-lo a fazer suas "despesas" (compras).

Nos despedimos de D. Severa agradecendo sua paciência em conversar conosco e caminhamos para uma casa a meio caminho da residência de seu Raimundo Souza, nosso anfitrião. Paramos desta vez para visitar D. Raimunda Ribeiro, tia de seu Raimundo Souza, relação de parentesco que estabeleciam pelo fato dela ser tia de sua esposa, D. Anastácia. Nossa entrevista era agora com D. Raimunda, uma senhora que dizia morar sozinha, muito embora a seu pedido dois meninos considerados "sobrinhos-netos" a quem tinha ajudado a criar, todas as noites viessem dormir em sua casa, trazendo-lhe a caça, a pesca e os produtos da roça. D. Raimunda como D. Severa e seu Estanislau eram aposentados pelo Funrural e tinham seus "procuradores" em Turiaçu para receber seus proventos. Seu Raimundo Souza não gostava deste sistema, pois segundo suas palavras o dinheiro chegava muito atrasado e os idosos já não podiam se deslocar para a cidade onde era efetuado o pagamento. Mensalmente, disse ele, costumava vir um fiscal da prefeitura de Turiaçu em convênio com o INSS, constatar se os "velhinhos" do povoado ainda estavam vivos. Era sabido que este senhor, chamado por todos de Soares, cobrava de cada "velhinho" uma "comissão" por sua "fiscalização", muito embora recebesse seu salário pela prefeitura e diárias para as viagens pelos povoados, como se comentava. Por sinal, quando estava saindo do povoado ao final do trabalho de campo,

encontrei o tal "fiscal" acompanhado de guarda-costas armados.

D.Raimunda tinha por volta de 88 anos, era filha de Mariano Ribeiro, um "preto velho do tempo da escravatura" que morreu, segumdo calculava com avançada idade de cem anos. Na entrevista ela lembrou de sua vida quando moça, dizendo que "juquirou" muito na roça (juquira - trabalho intenso na roça), primeiro para seu pai e depois para seus maridos, plantou muito arroz, mandioca, milho, batata, cará, fava, feijão de coivara, carapato(mamona), fazia panela de barro, o que tinha aprendido com a Chica Velha, que fabricava estas panelas no povoado, e segundo ela eram as melhores para fazer comida (hoje só a Teodora Mafra fabrica essas panelas, comentou seu Raimundo Souza que nos acompanhava). Segundo D. Raimunda eram bons os tempos de então, haviam as **trabalhadeiras de algodão, as tira-deiras de milho as quebradeiras de babaçu**, ela tinha sido tudo isso... havia muito trabalho e comida em fartura, seu pai era "matador de veado", carne boa e forte..."plantava-se muito algodão tudo para fora(para vender), dos fios aqui só se faziam as redes, novembro e dezembro era sempre tempo de tiração de milho e apanhação de algodão" ... De repente D. Raimunda pediu licença e saiu da sala, voltando com uma cabaça cheia de gergelim, que me mostrou como um produto também muito "apanhado" antigamente, dele se fazia o óleo, melhor que o óleo de soja de hoje, e também era bom para se comer no arroz. Mas D. Raimunda não gostava de fazer "feiticeira", um prato típico que consistia em grãos de gergelim torrados, misturados com açucar e oléo de babaçu, fazendo uma espécie de mingau, considerado muito gostoso e apreciado pelas crianças e por muitos adultos do

Acervo ISA

povoado. Dizia D. Raimunda que o gergelim comido assim fazia mal aos intestinos, o que ela gostava mesmo era de um chibé com camarão - o chibé consistia em uma papa de farinha de mandioca misturada com água e temperada com sal, pimenta ou limão de acordo com o gosto de cada um e a disponibilidade do tempero, sendo também servido com camarões secos e salgados trazidos de Turiaçu, onde eram pescados. Os camarões eram comercializados em algumas "vendas do povoado", ou então eram trazidos por vendedores ambulantes que vinham de quando em vez ao Jamary. Segundo comentários de D. Anastácia depois da entrevista de sua tia, este pessoal vinha vender no povoado o camarão a preços absurdos pois sabiam que muitos de nós sempre gostou desta iguaria, e assim dizia ela "lá vai embora o dinheiro dos pretos do Jamary".

Perguntei a D. Raimunda durante a entrevista, se conhecia alguma história dos tempos dos mocambos ou da escravidão. Ela disse que seu pai contava, mas era muito criança e foi se esquecendo. Agora só se lembrava de uma história contada por sua mãe que ocorreu lá na Tapera de Nhadona, antiga fazenda Santa Luzia. A senhora dessa fazenda de nome Porcidonia não gostava que as escravas tivessem muitos filhos, porque achava que atrapalhavam as tarefas que faziam. Por isso quando nascia uma criança ela se aproveitava da ocasião em que a mãe saía para trabalhar na roça e pessoalmente dirigia-se até a "casa dos pretos", matando o recém-nascido com um pano por asfixia. Fazia essa crueldade para que as escravas não atrapalhassem o trabalho cuidando de seus filhos. Era um tempo ruím segundo D. Raimunda, "os senhores eram cruéis com os pretos escravos" ...

Após esta entrevista voltamos para a casa de seu Raimundo Souza. A tarde findava, tomei um café sempre disponível pelas mãos de dona Anastácia e fui fumar um cigarro, aproveitando para conversar com Henrique,o presidente do sindicato. Ele me informou que Turiaçu era um município muito "conflituoso" e que haviam muitos povoados ameaçados pelos "fazendeiros-latifundiários" do município e de fora. O sindicato organizou em todo município, como forma de resistência, cerca de 19 delegacias sindicais. Contava o sindicato com aproximadamente 3.320 trabalhadores sindicalizados, infelizmente nem todos em dia com as mensalidades, sendo o Jamary um dos maiores povoados do município, senão o maior em sua região, e que ele e seu Raimundão pretendiam aproveitar o "trabalho" nosso no povoado para sindicalizar mais alguns trabalhadores rurais que se mostravam interessados em "cuidar de seus direitos". Em Jamary, segundo ele, haviam mais de 60 trabalhadores entre pais e mães de família sindicalizados, mas este número poderia crescer ainda mais.

Como todos fins de tarde seu José Pessoa e Josevaldo chegaram para as conversas da noite com seu Raimundo Souza e seu Raimundão, sempre com novas questões, novas histórias. Nesta noite ao final da conversa, comunicamos eu e Ivan, membro do projeto PVN que iríamos no dia seguinte, um sábado, a Turiaçu com o objetivo de recarregar as baterias da câmara de vídeo, mas voltariamos ainda a tempo de assistir e gravar a festa do tambor de criola marcado para acontecer naquela noite.

Ficaram todos na casa preocupados com nossa ida a Turiaçu. Afinal de contas consideravam que nosso "trabalho" no povoado vinha

sendo feito com o apoio da comunidade e do sindicato de trabalhadores rurais e isso poderia se constituir, segundo pensavam, em uma ameaça a nossa segurança pessoal. Achamos que não havia riscos, mas por fim ouvimos a advertência - "voltem antes de escurecer".

Acervo ISA

IV) Uma rápida visita a cidade de Turiaçú e uma história que continua...o tambor de criola.

No dia seguinte, por volta das cinco horas, partimos na companhia de seu Raimundão para a cidade de Turiaçu. Ele só nos acompanhou até o igarapé do Bom Jesus, referência obrigatória para os moradores da sede do povoado que o utilizam para diferentes tarefas de caráter doméstico - as mulheres para a lavagem de roupa, os meninos para pescar e dar de beber aos animais de carga e as crianças para os banhos e brincadeiras. De lá eu e Ivan, continuamos a marcha até a estrada rodoviária, que precisava ser alcançada no máxima até as oito horas, quando costumeiramente passavam as conduções até a cidade. Eram aproximadamente 07:40h quando chegamos a beira da estrada a tempo de pegar uma caminhonete que fazia linha para Turiaçu. O veículo ia lotado de pessoas e mercadorias, sendo transportados paneiros de frutas, sacos de farinha, de milho e de arroz. Passamos por alguns povoados na beira da estrada, onde podia-se observar a venda de farinha feita pelos camponeses ao motorista da caminhonete e também a venda de carne de porco exposta em pequenos estabelecimentos comerciais.

Na cidade de Turiaçu conseguimos recarregar na rede elétrica as baterias da video-câmara, garantindo assim a documentação visual do restante do trabalho de campo. Foi nos cartórios dessa cidade que a aquipe do PVN fez o levantamento da documentação histórica sobre os quilombos relacionando-os aos numerosos povoados de exclusividade negra existentes nessa região. Durante as poucas horas de permanência na cidade procurei compreender a recomendação que fora

feita ainda em Jamary para que não se mencionasse o povoado como lugar de procedência. Por aqui os moradores do povoado de Jamary eram conhecidos como "**os pretos dos campos naturais**", sendo possível constatar a existência de preconceito racial contra eles, como também em relação a outros povoados de exclusividade negra no município de Turiaçu. Os clientes de uma loja comercial da cidade, como foi possível constatar por uma rápida incursão, mencionaram sobre um cartaz colado a parede que sobrou do período da campanha eleitoral e apresentava uma candidato pelo nome de Escurinho que apesar da alcunha a cor dele era morena, **pretos em Turiaçu só aqueles que viviam nos "campos naturais" e nos "povoados"**, sendo citado o nome do Jamary entre outros. Os moradores do Jamary já tinham comentado antes desta rápida viagem a Turiaçu que no comércio da cidade sempre eram discriminados, deixando para atendê-los por último e empurrando-lhes as piores mercadorias. Na compra do pescado, por exemplo, iam direto aos pescadores, evitando as peixarias que relutavam em vender-lhes os melhores pescados.

Refizemos a tarde o percurso de volta e na casa de seu Raimundo Souza estavam todos nos aguardando curiosos sobre as impressões que tivéramos da cidade, rindo-se muito quando foi comentado que Turiaçu era quente e com as bicas secas. Depois de oferecerem um café servido com raizes de macaxeira, apresentaram dois senhores que permaneciam desde a nossa chegada sentados em um dos bancos da sala e enquanto conversava com meus interlocutores, eles falavam baixo entre si. Tratava-se de seu João Freitas, a quem seu Raimundo Souza chamou de compadre e me apresentou como interessado

nas histórias do povoado. Na entrevista que consentiu em me dar seu João Freitas se identificou como "**jamarizeiro**", um morador nativo do povoado do Jamary, parente de seu Raimundo Souza e de Henrique Ribeiro. Sabia no seu entender poucas histórias sobre o povoado, seu pai Marcos Mafra não costumava contá-las. Quem mais histórias sabia, cheia de lembranças dos tempos antigos era uma tia de seu pai, Severiana Mafra, que fora escrava da fazenda Cajual e falecera com a avançada idade calculada por ele em cento e vinte anos. Seu João perguntado, disse ter cerca de setenta anos e tinha ouvido algumas histórias contadas pelos "**pretões antigos**" que conhecera em Jamary, como dona Severiana, Benedito Marinho, Chico Tanguá e também Venâncio Coelho Mafra, todos ex-escravos que viveram e morreram em Jamary.

Perguntei-lhe a princípio onde era o Jamary, o que chamava como terra de Jamary, ao que ele respondeu : "Jamary é a sede do nosso povoado que é formado por várias localidades como Boa Vista e Cajual, e os centros de roçado", que explicou receberem diferentes denominações de acordo com as famílias que neles trabalham. "Jamary é a reunião da sede onde estamos e das localidades em torno", afirmou ele. "Esses velhos (explicava seu João) contavam que a senhora da fazenda Cajual era Antonia Mafra e haviam ainda outros senhores dos quais não me lembro os nomes. Quando chegou o fim da escravidão os escravos se espalharam por toda esta região do Jamary que era já um lugar de moradia dos pretos fugidos". Anos depois do término da escravidão, o pai de seu João Freitas segundo seu relato, resolveu se localizar mais para dentro da mata, como era prática dos escravos fugidos, muito embora nesse período soubessem de ataque dos índios,

o que vinha causando um certo receio nos moradores que residiam próximos ao que hoje é a sede do povoado e trabalhavam nos seus centros de roçado. Mas seu pai não ligava, comentou - "ele era meio corajoso e levou a gente para morar em um lugar no meio da mata, lá dentro do mato, no local conhecido como igarapé do Mucura". Lembrou-se seu João Freitas que nesse local encontraram restos que pareciam indicar a existência de um antigo mocambo com esteios de casa, ruinas de um forno de barro e plantas medicinais, tomadas pelo matagal, além de cacos de ferramentos para o trabalho agrícola. Perguntei a seu João Freitas se o igarapé do Mucura era lugar de antiga fazenda, ele respondeu: "não senhor, isto lá já era do **mocambo**, papai contava que eles (os escravos) fugiam porque não queriam ficar sujeitos aos senhores. Faziam então aquele centro dentro da mata e se escondiam por ali". Tornei a perguntar a seu João Freitas desta vez sobre a distância que o igarapé do Mucura ficava da sede do Jamary,- "cerca de duas horas de caminhada do Jamary", respondeu. E mocambeiro quem era ? prossegui. Seu João Freitas explicou: " Mocambeiro era cristão mesmo né, mas corriam, se escondendo, buscando a liberdade para não ficar sujeito". Exemplificou sua resposta : "eu levava minha família, aquele a dele, o outro a dele e nós iamos fazer nosso centro escondido". Os **mocambeiros** acertavam entre si, continuou seu João Freitas sua explanação, assim os velhos nos contavam, que um deles vinha lá do mocambo a noite, buscar (com os escravos) nas fazendas sal, pólvora, essas coisas que na mata não tinha e voltava de novo, "os mocambeiros trabalhavam e moravam escondido, para que os senhores não perseguissem. Quem ficava na fazenda (como escravo) ajudava aos

que tinham ido para a mata, até conseguir também se refugiar, indo para o lugar de moradia dos pretos livres."

Terminada a conversa com seu João Freitas fomos avisados que o tambor para a festa estava esquentando e logo ia começar a bater. Preparei a video-câmara na esperança de poder registrar algumas cenas e acompanhei todos para a festa do tambor, que estava sendo realizada em frente da capela. Na casa apenas dona Anastácia ficou cuidando de sua mãe. Caminhamos em direção as batidas dos tambores - os instrumentos de percussão estavam sendo aquecidos em volta de uma fogueira, onde os tocadores batiam com as mãos aproximando-os do fogo ou "esquentado o couro" como diziam.

As pessoas iam chegando de todos os lados, perguntei a seu Raimundão de onde vinha toda essa gente, ao que ele respondeu: "eram todos moradores do Jamary Grande, aqueles alí estavam vindo de Boa Vista, aqueles outros de Cajual, essas localidades tinham como sede o Jamary. O pessoal ouvia falar no tambor, gostava e não queria perder, sempre foi o divertimento daqui" .

O Tambor de Criola

O tambor de criola é a festa por excelência do povoado da Jamary, suas origens remontam aos terreiros das fazendas e territórios livres nos mocambos como pudemos nos informar. Manifestação cultural comum a maioria dos povoados e comunidades negras rurais do Estado do Maranhão, têm no Jamary, sua expressão caracteristica que em si afirma identidade com outras manifestações

de tambor nos diversos povoados onde prevalece a exclusividade negra no Maranhão. Sua organização parece representar uma rígida divisão dos papeis sexuais entre homens - tocadores de tambor e cantadores - e mulheres - dançadeiras de tambor. A formação da linha dos tocadores e cantores do tambor, delimita no espaço o terreiro de dança, a linha é um limite que as dançadeiras do tambor nunca irão atravessar. Ali dentro dançarão e farão suas provocações - gritam para os cantores entoarem mais alto e com melhor cadência de voz, brincam com os tocadores de tambor que batem sem força ou fora do ritmo, levantam suas saias na direção dos tocadores de tambor que permanecem sentados - aos cantores e tocadores de tambor até o limite dado pela formação destes, em uma linha imaginária fixa.

As dançadeiras do tambor formam seu espaço de dança traçando uma espécie de circulo (a roda de dança das dançadeiras do tambor) a partir da linha dos tocadores e cantores. Esta área é reservada exclusivamente a elas, que dançarão alí, uma de cada vez, ao ritmo do tambor, entrando na área da dança com suas coreografias próprias. Cada dançadeira, interpreta seus passos na dança, usando o espaço conforme as necessidades de sua evolução em harmonia com o ritmo do tambor e da música e versos que estão sendo cantados, girando suas saias longas e eventualmente soltando pequenos gritos de contentamento.

No povoado do Jamary, conforme informação de seu Raimundão, todas as dançadeiras são mulheres casadas ou "com marido" - realmente dava para notar que a faixa etária das dançadeiras estava acima dos 30 anos. Elas formavam o circulo de dança com ajuda das pessoas que

se postavam em uma roda em torno do tambor, todos assistindo e eventualmente dançando em compasso com a música e acompanhando os cantos no ritmo dos tambores, tudo sem sair do lugar ou entrar na roda das dançadeiras do tambor. As dançadeiras que aguardavam sua vez para entrar na roda da dança colocavam-se também em linha contraposta a dos cantores e tocadores do tambor.

No tambor de criola do Jamary, os cantores e tocadores de tambor formam um grupo, havendo um lider. Na apresentação que assistimos o lider era Inácio, considerado por todos um "grande tambor" (isto é, um tocador ritmado e um cantor afinado com as músicas). Seu grupo é formado por cerca de oito homens, que tocam e cantam tirando versos em sequência para acompanhar o ritmo da batida e como dizem o "tambor cantar certo". Inácio me chamou em um intervalo para explicar que o "tambor ainda estava flagelado" mas logo ele se acertaria. Pedi a ele para me esclarecer o que é "tambor flagelado"? - Inácio respondeu: " E quando fica assim, a cantoria toda "saranhada"(termo usado no sentido de cantoria embaralhada), a batida fica desandada e os versos são trocados". Inácio a seguir me diz:"eu não gosto assim e vou acertar o ritmo do tambor, pois batida boa, a brincadeira boa é quando puxo o verso e passo para o companheiro cantor que está do lado, e assim cada cantor fala o seu verso, podendo ser até três versos e passa a vez para o companheiro do lado, os demais fazendo o coro, que se for bom mesmo todo povo em volta acompanha". -

Fora o conjunto de tocadores e cantores conhecidos por sua

habilidade, qualquer dos homens na festa pode pedir um tambor e substituir o tocador do grupo, sendo comum este revezamento. Tanto aos cantores/tocadores do tambor, como às mulheres-dançadeiras deverão ser servidas bebidas como conhaque ou aguardente em várias rodadas. Na festa do Jamary quem servia as bebidas era seu Raimundão, e o "guardião" que dosava o consumo era Henrique Ribeiro (aparentemente por serem eles os promotores do tambor de criola naquela noite). As rodadas vão se sucedendo e é do conhecimento de todos que o tambor vai ficando bom a medida que a madrugada vai entrando e os cantores/tocadores e dançadeiras vão ficando cada vez mais "alegres e animados". As letras e versos cantados no tambor se referem a lugares comuns no imaginário do povoado, a mata e seus encantamentos, as mulheres e sua dança, a busca da liberdade, a alegria de poder comer, beber, cantar e dançar entre amigos e companheiros...os versos são repetidos muitas vezes, mas também sendo comum o improviso. Durante um dos intervalos, quando os tambores são postos próximos da fogueira sempre acesa ao lado do círculo das dançadeiras, as marcações são ultrapassadas e a formação das linhas tanto de cantores/tocadores do tambor, como das dançadeiras são desfeitas momentaneamente, sendo refeitas assim que os cantores/tocadores do tambor voltem a sua marcação de batida no tambor.

Henrique Ribeiro me chamou para apresentar uma senhora que permanecia sentada assistindo o tambor. A senhora Maria Borges, 90 anos, virou-se e olhando para mim e Henrique disse "foi assim no dia

da libertação, papai que contava, os pretos fizeram tambor na fazenda para comemorar a libertação e cantaram se despedindo até de amanhã. Quando o dia amanheceu, cadê os pretos, caíram todos no mundo. Meu pai era menino na fazenda no Cajual, meu avô foi escravo lá, os pretos com a libertação foram se espalhando por este mundo, encontrando seus irmãos na mata(os mocambeiros) e ficaram assim todos libertos".

O tambor foi até às cinco horas da manhã de domingo, saí bem antes, estava muito cansado pela viagem a Turiaçu. Durante toda madrugada da casa de seu Raimundo Souza, pude ouvir as batidas ritmadas do tambor de criola, enchendo a madrugada de música e alegria...(4)

(4)Algumas das letras cantadas na festa do tambor de criola no povoado de Jamary estão transcritas em anexo.

V)Um dia de domingo no povoado de Jamary, o futebol e as conversas

O povoado foi acordando lentamente na manhã de domingo, muito embora na casa de seu Raimundo Souza tenha se mantido a rotina de sempre, com os donos da casa acordando bem cedo para preparar o café e os demais levantando das redes só depois das 07:00 h. Ainda dava para ouvir, os últimos batuques dos assistentes do tambor de criola, insistindo em seus toques cada vez mais distantes. No campo de futebol em frente da casa de seu Raimundo Souza, alguns rapazes e meninos começavam a jogar bola.

Após o café, com bolo de farinha de tapioca e óleo de babaçu, caminhei até o campo de futebol, onde me sentei embaixo de uma mangueira, e comecei a tirar algumas fotografias das crianças que jogavam. Raimundo Mocambinho(afilhado de seu Raimundo Souza) e mais dois meninos vieram sentar ao meu lado. Pediram para que eu tirasse retratos deles, e assim, logo estava eu tirando fotos de crianças das mais diferentes idades trazidas pelas mães de todas as partes do povoado. Famílias inteiras que chegavam a casa de seu Raimundo Souza e pediam para que tirasse suas fotografias. Procurei atender os pedidos enquanto tive filme para tanto, depois me desculpei, e garanti que posteriormente enviaria as fotos que ficassem boas. A casa de seu Raimundo Souza, ficou cheia de visitas no domingo, coisa também comum durante nossa estada no povoado, mas hoje, dia de descanço do trabalho nos centros de roçados, a afluência teve um aumento considerável.

Passei a participar das rodas de conversas que se formavam

dentro e fora da casa. No grupo que reunia seu Raimundo Souza, nosso anfitrião, Josevaldo Oliveira, fiscal do grupo escolar, e o irmão de seu Raimundo , Claro Souza, soube que os jogadores do time de futebol de Jamary, tinham saído ás cinco horas da manhã para jogar uma partida contra o time de Capoeira Grande. Alguns saíram direto do **tambor de criola** para o futebol e eram previstas umas três horas de caminhada até Capoeira Grande, onde a partida seria jogada a convite do time rival. O time do Jamary tinha um total de quinze jogadores, entre eles Paulo, filho de seu Raimundo Souza. No povoado de Jamary, o futebol é a segunda distração preferida dos rapazes, a primeira sendo as festas, de preferência aquelas que tenham tambor. Haviam dois times no povoado, dois "quadros" como eles diziam, o titular e o reserva, o capitão era um filho de dona Neuza a diretora do Grupo Escolar, e o técnico ou encarregado das camisas era Josevaldo Oliveira, que não tinha ido junto a Capoeira Grande neste domingo. Na roda da conversa Josevaldo fez o seguinte comentário sobre o time do Jamary - "a rapaziada até joga direito, faltam mais jogadas técnicas, e o material por enquanto só temos as camisas e duas bolas compradas por nós, mas não conseguimos chuteiras, o pessoal joga descalço contra os times de outros povoados e de Turiaçu, todos ao contrário de nós calçados. Mesmo assim a gente volta e meia ganha, senão ganha empata, isso quando o jogo não acaba em briga, porque os outros times não gostam de perder para nós".

Neste domingo, soubemos na volta dos jogadores que mais uma vez o time de Jamary ganhara de Capoeira Grande, com um placar de

3X1, mas o jogo não chegou ao seu término, pois o time adversário ao final do jogo começara a "apelar", batendo muito (isto é, fazendo muitas faltas) nos jogadores de Jamary. O juiz acuado pelos donos da casa anularia o último gol de Jamary e a partir desse momento não marcaria mais nenhuma falta a favor dos "jamarizeiros". Revoltados os jogadores do Jamary resolveram sair de campo, resultando ainda em mais confusão. Nas palavras de um dos jogadores: "O dono do time (dono das camisas, das bolas e chuteiras do time) de Capoeira Grande ficou tão revoltado com seus jogadores, que tinham perdido mais esta partida jogando em casa, que na hora do material esportivo lhe ser devolvido, mandou que ficassem com as camisas do time para trabalhar na roça, fariam assim melhor uso delas" - tudo contado com muita graça e ironia pelos rapazes que jogaram a partida.

Enquanto os adultos conversavam, as crianças embaixo da mangueira próxima ao campo de futebol, sentaram-se em círculo e cerca de trinta meninas e meninos com menos de dez anos começaram a entoar cantorias e brincadeiras. As crianças em Jamary recebiam instrução até a 4.série do primeiro grau, mas as professoras do grupo escolar criticavam esse modelo de ensino porque a partir da terceira série era muito difícil uma criança continuar os estudos, sendo solicitada pelos pais para ajudá-los integralmente no trabalho da lavoura e tarefas domésticas. Também o calendário escolar não era adaptado aos períodos de plantio e colheita das roças, o que levava as crianças (que são um elemento fundamental na composição da mão de obra familiar) a faltarem muito as aulas por causa das necessidades do trabalho familiar nos roçados. A partir dos nove anos os meninos já

ajudavam no roçado seu pai e irmãos, e as meninas aos onze anos já iam para o roçado, além de cumprirem suas tarefas domésticas, que constituem obrigação praticamente exclusiva delas, com a participação dos irmãos menores, meninos(com menos de nove anos) ou meninas (com menos de onze anos), como buscar água, lenha, pescar,cuidar da criação, e dos irmãos menores quando os pais tinham que sair para trabalhar e não podiam levar a todos. Mas domingo era dia de descanço, e todos aproveitavam brincando e se divertindo pelo povoado, seja no futebol, seja no pique, ou com as bonecas de palha feitas por eles. Como sempre chegou a hora do descanço da tarde, em que o povoado silenciava.

Após a sesta de domingo, já nas últimas horas da tarde chegou, como sempre, seu José Ribamar Pessoa, acompanhado desta vez de seu Raimundão, que tinha saído para fazer umas visitas. Foram chegando também diversas pessoas a casa de seu Raimundo Souza, que aproveitavam a presença de Henrique Ribeiro e seu Raimundão, respectivamente presidente do STR de Turiaçu e delegado sindical do Jamary, para tratar dos "assuntos do sindicato". Henrique e seu Raimundão aproveitaram a pequena mesa na sala para montar o "escritório da delegacia sindical". Ali recebiam as pessoas que desejavam pagar suas mensalidades, informar-se sobre o andamento da aposentadoria dos pais ou deles próprios, sendo que alguns vinham para se filiar ao sindicato.

Do lado de fora da casa, eu conversava com seu Raimundo Souza, José Pessoa, Josevaldo, Inácio e outros senhores do povoado. Disse-lhes que no dia seguinte, já que hoje não daria pelo adiantado

da hora, gostaria de visitar várias famílias do povoado. Mas estava apreensivo de não encontrá-las em casa pelo fato de ser uma segunda-feira, dia de trabalho e todos estariam certamente indo cedo para seus centros de roçado, ao que seu José Pessoa respondeu: - "Não senhor amanhã para nós é dia santo, dia de São Francisco de Assis, e todos vão guardar o santo ficando no povoado, aqueles que estão em seus ranchos nos centros ficam por lá, mas os que vieram de lá na sexta e no sábado, só vão de volta na terça-feira bem cedo". Considerei que isso era bom, pois aumentava o número de famílias que podiam ser encontradas em casa para as entrevistas, ao que todos concordaram. Pedi depois - observando que conversavam sobre os lugares que tinhamos ido visitar nos primeiros dias do trabalho de reconhecimento do povoado - que me explicassem melhor os nomes e localidades do povoado, e quem morava onde, pois tinhamos andado por esses lugares mas eu ainda não conseguira apreendê-las em sua totalidade. Seu José Pessoa com seu Raimundo Souza, ajudados por Josevaldo foram explicando: "Aqui onde estamos é Jamary, Jamary sede, onde residem, só contando os pais e mães de família e os velhos, os seguintes moradores - seu Raimundo Nonato Souza (na casa de quem estamos)* ; Francisca Mafra (mãe de Hermogenes e irmã de Severa Mafra); Romão Mafra (irmão de Hermogenes); João Souza Mafra ; Gregorio Ribeiro ; Claro Souza (irmão de seu Raimundo) ; Luiz Mafra ; João Mafra (apelidado Cuípe) ; João Mafra (apelidado Pifrite) ; Teodoro Mafra ; a "velha" Maria Borges (mãe de Raimunda Borges) ; a "velha" Severa Mafra (irmã de Estanislau e tia-avó de Hermogenes)(5)

(5)As observações entre parenteses eram esclarecimentos feitos pelos próprios informantes ao designarem os nomes dos moradores do povoado.

João Batista ; Hilda Mafra ; Raimunda Borges ; Antonia Souza (mãe de seu Raimundo Souza) ; Narciso Esleban Souza (irmão de D. Anastácia, mulher de seu Raimundo Souza) ; o "velho" Estanislau Mafra (tio de Hermogenes) ; Nagerdo Ribeiro (irmão de Anastacia Ribeiro) ; Valmir Souza ; Gregório Ribeiro (de apelido Bisagó) ; Felícia Ribeiro ; Maria Mercedes Ribeiro ; Francisca Ribeiro ; Dolores Roxo ; Almir Ribeiro ; José Ribamar Ribeiro ; Osiel Cardoso ; Joelson Cardoso ; Cassiano Ferreira ; Raimundo Ribeiro (morador da Grota) ; Inácio Carneiro ; Domingas Ribeiro ; Teodora Freitas (parente de seu João Freitas) ; Paulo Souza (filho de Raimundo Souza) ; Neuza Ribeiro da Luz (diretora da escola) ; Gregorio Silva ; Domingos Mafra ; Florença Mafra Costa ; Patrocínia Souza ; Lourenço Souza (filho de seu Claro Souza) ; José Porfírio Mafra ; Lourenço Mafra; - cada um dos citados explicaram, têm sua casa de moradia no povoado". Continuaram meus interlocutores dizendo que na sede do Jamary existem locais que recebem denominações diferentes como se fossem os nomes de bairros de uma cidade, e passaram assim a indicar os moradores dessas áreas, como tinham feito com aqueles que residiam segundo eles, no centro do povoado : "Agora temos também os bairros como é na cidade... No Arrudá, moram José Ribamar Pessoa ; Gracilino Cardoso ; Josevaldo Oliveira ; José Mafra Ribeiro ; Raimundo Mafra ; José Cardoso Mafra ; Pedro Brito ; Adalberto Mafra e Anésio Ribeiro (que está "morando de hospedagem" até construir sua casa). Em Queimadas, moram Hermogenes Mafra e José Carlos. Na Grota, Manuelzinho Souza e Raimundo Souza (homônimo do nosso anfitrião, assim nos disseram). No Santo Antônio (antiga fazenda), morou a velha Guilhermina que morreu no local hoje

conhecido como a Campina de Guilhermina, agora lá só têm rancho de roçado, como também para os lados da Restinga na direção leste, no Rancho de Arroz, e Baixo do Amâncio, na Boca do Caminho do Centro, todos lugares de rancho ou centro de roçado. Mas na Boca do Campo, no caminho para o Campinho, que é área de campos naturais, em direção ao rio Caxias, moram Raimundo Ribeiro ; Gracilino Silva e Domingos Ribeiro. Ainda tem gente do Jamary em Boa Vista, onde mora seu Raimundão (Raimundo Nonato Ferreira) e família e no Cajual onde mora o Valdir Mafra e família (professor do grupo escolar)".

Meus interlocutores chamaram atenção que havia bem mais moradores do que conseguiram de fato citar, lembrando que só em um levantamento feito pelo sindicato foram contadas cento e duas famílias morando na sede do Jamary (incluido os "bairros" mencionados por eles) e mais seis que moravam em Boa Vista e doze no Cajual - estas duas últimas localidades citadas são por eles consideradas parte do povoado de Jamary, mas estão fora da sede, sendo referidas nos relatos como lugares de antigas fazendas de escravos, ocupados por pequenos aglomerados de casas e centros de roçado, comunicando-se com a sede do povoado através do ramal subsidiário que vai em direção a estrada rodoviária para Turiaçu.

Outro critério para pensar as condições de pertencimento ao povoado, que não se restringe a ocupação de seu território, foi apontado pelos próprios informantes no final das extensas citações que fizeram das famílias de moradores do Jamary, ao se referirem aos laços de parentesco que os unem: "Todo este povo aí é parente,ou por nascimento, ou por casamento" - comentou seu Raimundo Souza.

Perguntei depois disso como podiamos estabelecer os limites das terras do Jamary - ao que seu Raimundão respondeu, ele que acabava de chegar na roda da conversa - "no sul o limite é o Rio Caxias até onde vão os campos naturais de nosso uso comum. Quem tem gado no povoado leva-o para pastar nesses campos, principalmente no verão seco como este agora; no norte o limite é o Oceano Atlântico (onde existem algumas colonias de pescadores); no oeste, onde ficam as terras da antiga fazenda Cajual dos Mafras, os limites são os confins por nós ocupados dessas terras herdadas pelos ex-escravos do povoado; e no leste os da antiga fazenda Santana dos Ribeiros".

Perguntei-lhes então sobre os nomes das famílias do povoado, como lhes foram atribuídos os mesmos nomes dos antigos senhores de escravo? - Seu Raimundo Souza, me respondeu: "Sim, estou lhe entendendo, nos tempos de meus pais e avós, no tempo ainda da escravatura, os pretos eram os **herdeiros** do nome dos seus senhores através do batismo, como todos nós aqui, este povo (por exemplo) dos Mafras, vieram da fazenda Cajual que era de João Mafra, os Ribeiro da Fazenda Santana do senhor Cazuza Ribeiro, eu sou Souza, meu pessoal veio da fazenda Bom Jesus do patrão Marco Souza, têm ainda os Cardoso da fazenda Sta. Cruz, acho eu, tudo aqui em volta, estes pretos eram os "herdeiros" destes senhores, naquela época não havia registro, só o batismo, a gente ainda encontra os batistérios destes pretos velhos, só procurar lá na Igreja em Turiaçu. Agora, hoje em dia os registros são feitos no cartório em Turiaçu, é como diz a lei, se eu sou casado no civil com Anastácia, ela leva o meu nome Souza, e os filhos também, mas se não for casado o filho leva só o nome da

mãe. No caso do meu filho Paulo, que é só filho de Anastácia e filho adotivo meu,é um pouco diferente, porque por vontade própria do menino, que queria ter o meu nome, eu fui ao cartório e lá conversei com o homem do registro, que consentiu em vista do desejo do garoto, e assim ele assina Paulo Souza, embora eu não seja o pai dele verdadeiro (isto é, de acordo com a lei) e nem casado com a mãe dele no civil" - excessão, portanto, que confirma a regra de que a herança, como no caso dos **pretos do Jamary** que se consideram herdeiros dos seus antigos senhores, é também um ato de vontade própria, que pode promover um reconhecimento legal.

A auto-atribuição que fazem deles próprios como herdeiros investidos pelo nome de batismo, transforma o vínculo de sujeição pessoal, relativo a simples coerção e violência ao poder escravocrata, como propriedade privada, em reconhecimento legal da herança pelo regime político que regulava o exercício do poder e domínio dos antigos senhores sobre seus ascendentes, sucessores dos direitos transmitidos por este tipo de vinculação propriamente política(6).

O domingo foi passando devagar, a noite nos encontrou ainda conversando. Eu perguntei a todos sobre a criação de gado em Jamary. Ao que seu Raimundo Souza ajudado por seu José Pessoa responderam: "Bem aqui é assim, cada um tem seu gadinho, suas reses, há os que têm uma ou duas reses, há os que têm dez ou quinze e há alguns que têm até cem cabeças de gado, mas também muita gente não têm nada. Por

(6)Pode-se fazer um paralelo entre essa interpretação etnográfica das citações e comentários dos moradores de Jamary e a interpretação do código civil feita pelo jurista Clóvis Bevilacqua que considera herdeiro legítimo, aquele que assim é considerado por lei, "em atenção ao vínculo familiar ou, na falta deste, ao vínculo político, existente entre a pessoa do sucedido e a do sucessor".

exemplo (continuaram eles) seu José Pessoa tem quinze reses lá no campo natural, eu Raimundo Souza tenho dez, já meu filho Paulo tem duas, meu cunhado Manuelzinho Ribeiro tem já cem cabeças de gado; seu Almir que já teve gado, foi matando, vendendo, e hoje não tem mais nenhuma cabeça, como é o caso do compadre Raimundão, que nunca teve gado, e não quer ter, o compadre só gosta mesmo é da lavoura". Depois dessa explanação que me fizeram, perguntei-lhes onde criavam o gado, pois só via por aqui uma ou outra rês pastando pelo povoado. Foi seu José Pessoa quem me respondeu: "Agora o gado está todo lá no Campinho, lá pelo lado do rio Caxias onde no verão têm mais água, aqui (próximo a sede) o campo fica seco demais, não é bom para o gado; o rebanho do Jamary fica todo junto, com os vaqueiros tomando conta". Volto a questioná-los: O gado só volta para os campos naturais próximos a sede do povoado no inverno? E como fazem para que cada um saiba qual é o seu gado se fica tudo misturado no rebanho? Seu Raimundo Souza respondeu: "No inverno tudo isso aqui fica cheio d'água, chove muito, não dá nem para acreditar a umidade que fica, o valão aqui em frente de casa, que agora tá seco, vira um igarapézinho, dá até para pescar; aí a gente traz o gado para os campos mais próximos, em volta do povoado (sede), - o senhor não viu o campo logo na entrada do povoado, lá em Queimadas onde fomos ontem? - Assenti com um gesto, e ele continuou: "Pois é, aqui a gente pode olhar melhor o gado, porque já por este tempo do inverno nos campos naturais próximos ao rio Caxias fica tudo inundado, e aí fica muito difícil para o gado e para os vaqueiros que cuidam dele". Volto a indagar como fazem para discriminar o gado que pertence a

cada família do povoado? Seu Raimundo Souza volta a me responder: " Sim, a gente marca , não sabe, cada um tem seu ferro, o meu por exemplo tem as letras RS, quem vê esta marca sabe que aquele gado é meu, de Raimundo Souza, cada um faz sua marca de acordo com as iniciais do seu nome; assim o rebanho fica todo junto, mas a gente sabe de quem é cada rês, como também sabem os vaqueiros que a gente trata para ficar de olho no gado". Perguntei de novo se o vaqueiros eram contratados pelos donos do gado. Desta feita seu José Pessoa me respondeu: "Os vaqueiros são todos do Jamary mesmo, a gente trata com aqueles companheiros que gostam mais de tratar com o gado; eu por exemplo tratei com o Manuelzinho Ribeiro, morador do povoado, que é vaqueiro e têm gado também, ele gosta de lidar com o gado mais do que com a roça, nesse caso a gente conversa com o companheiro e faz um acordo para dar a ele, dependendo do número de reses que ele vai cuidar, um bezerro por ano, ou um tanto de farinha, ou quando se vende um boi a gente dá uma "ponta" (isto é, uma parte do valor da venda), tudo dependendo do trato entre os companheiros." Volto a perguntar, desculpando minha ignorância sobre o assunto, ao que todos riem, e me consolam afirmando que é assim mesmo, quando e como vendem o gado? - Josevaldo Oliveira e outros me disseram: "No Jamary a gente só faz negócio com o pessoal daqui mesmo pois todos se conhecem, quando um animal quebra uma perna e tem que ser sacrificado, o dono negocia a carne com o povo... E o gado aqui não some ou é roubado como dizem aí fora, isso acontece mais com esses grandes fazendeiros, que têm tanto gado que já nem podem contar... Mas aqui isso não acontece é tudo amigo..." Resolveram então me

Acervo ISA

explicar a diferença entre a criação de gado que faziam nos **campos naturais** e o gado dos fazendeiros criados nos pastos das fazendas: "Os campos naturais onde criamos o gado são os campos da natureza, ninguém plantou, sendo posto aí por Deus, são diferentes destes campos aí fora, no ramal da estrada entre Bacabeiras e Turiaçu. Aquilo era tudo mata, posta abaixo, rolando madeira boa, e a mata virou campo, plantaram capim em tudo, e cercaram no arame, o povo não pode mais entrar , só o senhor, o latifundiário. O campo natural é diferente, é livre, de todos, cada um usando e respeitando os outros, são nossos campos adotivos" - Interrompi a fala para perguntar o que eram os campos adotivos? Foi seu Raimundão quem respondeu : "E o mesmo que campo comum, é adotivo por que é nosso, nós adotamos ele como pegamos um filho para criar, lá se cria o gado e outros animais soltos e livres cada um sabendo o que é seu e respeitoso do é que do outro, é o regulamento não sabe! Bem diferente deste povo aí fora e desses latifundiários de Turiaçu, que tempos atrás invadiram os campos naturais do Jamary e de outros povoados com aquele gado búfalo, bicho brabo, trazido dizem lá da ilha de Marajó, aquilo era ruim, eles não respeitavam nada, é um gado difícil de trato, suja a água, afastando o peixe, corre atrás do povo para machucar, entra na roça para destruir, eu mesmo tive parte da minha roça derrubada nesses tempos por esses búfalos. Tinha um bananal bonito alí em Boa Vista, banana roxa com cada cacho que vou lhe dizer, o gado búfalo entrou e derrubou tudo, foi um tempo difícil aqui para nós. Descobrimos depois que esse gado era destes políticos e latifundiários de Turiaçu, a família Fonseca, Narciso Fonseca

fazendeiro e na época prefeito de Turiaçu, e a família Rabelo também de grandes fazendeiros e políticos de Turiaçu. Foram eles que colocaram três currais aqui dentro do povoado nos campos em volta, usando uns vaqueiros de fora, com o Zezito Cavalcante no comando. A gente brigou muito neste tempo, teve morador do povoado que levou chifrada de búfalo e ficou machucado, teve gente que ficou tão revoltada com o gado búfalo invadindo suas roças, que matou búfalo a tiro, a coisa ficou perigosa..." Seu Raimundo Souza interveio com o seguinte comentário: "é a coisa ficou difícil, Raimundão que já era o delegado sindical eleito por nós, nos falava que a coisa estava ruim também em outros povoados, como Capoeira de Gado, Brito-Mutá...Raimundão recebeu aqui uma orientação do sindicato para a gente se reunir e discutir o problema. Decidimos assinar um documento a ser enviado a Assembléia Legislativa do Estado - como era o nome mesmo do documento Raimundao?" - Seu Raimundão respondeu: "Um abaixo-assinado pedindo a criação de uma lei na Constituição Estadual proibindo o gado búfalo de permanecer nos campos naturais daqui". - Seu Raimundo Souza voltou a falar: "Por causa disso os homens ficaram brabos, os donos do gado búfalo, mandaram até pistoleiros na minha pista e de Raimundão. Assim mesmo, com toda essa pressão, o povo decidiu pela assinatura do documento. Raimundão foi para Turiaçu, acontecia por lá uma assembléia geral do sindicato para entregar o documento, quando Raimundão chegou... - ele está aqui e pode contar..." - disse dirigindo-se a Raimundão que continuou: "E sim, cheguei lá na sede do sindicato em Turiaçu para a assembléia e estavam todos os companheiros assustados, vieram logo dizendo que

Acervo IMESA

eu estava ameaçado de morte e que os responsáveis pela empreitada eram o Valdenor Rabelo, o Manoel Rabelo, o Zequinha Alves e o Zezito Cavalcanti. A coisa estava perigosa, o pistoleiro por aqui rondando, indagando quem eu era e onde me achava. Voltei para o povoado do Jamary, tomando cuidado para evitar o pistoleiro que estava atrás de mim, mas o tempo correu a meu favor. Parece que desistiram da empreitada de morte, ou então o pistoleiro se cansou de me procurar... e, tempos depois, o gado búfalo foi sendo retirado dos nossos campos. Deve ter sido por causa da lei criada pela Assembléia Legislativa que proibia gado búfalo nos campos naturais. Mas ainda houve muito conflito pelas redondezas, até morte ocorreu em Capoeira de Gado, eram tempos perigosos esses..."

No decorrer desta entrevista, com múltiplas participações dos informantes, alguns aspectos por eles narrados permitiram uma melhor compreensão do significado da criação de gado para os moradores do povoado de Jamary. Consideravam o gado um recurso que podiam lançar mão nos momentos de necessidade extrema, quando por exemplo um verão muito sêco diminuía a colheita do roçado, ou em caso de acréscimo dos gastos familiares com doenças, nascimentos, ou casamentos dos seus filhos. Pode ser ilustrativo disso o seguinte trecho da entrevista: "o gado criado no Jamary é do tipo criolo, diferente dos fazendeiros que criam o gado nelore ou búfalo para abate e venda da carne. Nós aqui criamos o gado mais para o consumo, inclusive para obter o leite para as crianças, a gente cria o gado para ter carne e leite quando precisar ". O gado representa também uma forma de acumulação de recursos obtidos nas esferas da produção

Acervo ISA

do roçado e da criação doméstica de aves e suínos, sendo comum por exemplo a aquisição de um bezerro em troca da produção excedente do roçado familiar, ou a compra de uma rês com a venda da criação doméstica. Como disse seu Raimundo Souza: "eu, por exemplo, quando um dos porcos está gordo e decido vender, com o dinheiro apurado já compro um bezerrinho, ou um rês nova, que vai ficar no meu rebanho para o meu filho, quando ele precisar ou quando se casar, assim é o costume aqui, é a nossa poupança como dizem por aí."

VI)O filme de Raimundão, a saída para os centros de roça e uma conversa sobre os conflitos e ameaças ao povo de Jamary.

Eram quatro e meia da manhã quando fui acordado por seu Raimundão, dizendo que era preciso ir cedo para filmar o pessoal que estava indo para o roçado; - "eles saem cedo, vamos que eu sei um lugar bom para ficar, lá na boca da mata, onde eles passam para o roçado"...Ainda tonto de sono, saí da rede a tempo de ir ao quintal em meio a neblina do dia que mal começava a raiar, lavei o rosto e voltei para a sala, tomei um gole do café que tinha ficado na garrafa de véspera, com seu Raimundão me apressando - "vamos que esta é a hora boa"...Peguei a câmara-video e saí atrás de seu Raimundão, fazia o friozinho da manhã, em volta do povoado a mata estava envolvida na neblina...atravessamos o povoado na direção da Grota(um dos "bairros" do povoado, como dizem), e lá, bem na beira do campo, um pouco antes de acabar o limite entre o campo natural e a floresta, seu Raimundão parou e disse: - "aqui está bom para fazer o filme, o pessoal está vindo, vai dar para fazer o trabalho". Já há algum tempo os registros do trabalho de campo em câmara-video estavam sendo dirigidos por seu Raimundão, seu Raimundo Souza, seu Almir Ribeiro e seu José Pessoa, eles apontavam-me as coisas que aos seus olhos eram interessantes de serem filmadas, respeitei a direção de suas escolhas. E lá ficamos os dois "esperando o povo" que ia para os centros de roçado, não tardou e logo começaram a aparecer, primeiro algumas pessoas, logo famílias inteiras, caminhando, conduzindo em alguns casos seus animais de carga, com os instrumentos

de trabalho nas mãos. Seu Raimundão ia explicando sobre as pessoas que passavam em direção a mata: - "aqueles alí têm os centros de roçado mais distantes, cerca de três a quatro horas de caminhada, por isso saem mais cedo de casa"...Logo várias mulheres começaram a chegar, formando um grupo, que ficou mais ou menos próximo a nós esperando... Seu Raimundão comentou, - "está vendo, assim é o trabalho, elas estão indo trocar os dias entre si, cada uma trabalha um dia na roça da outra, e assim vão se revezando, fazendo o trabalho render, e a roça crescer...elas estão ali esperando a dona do serviço de hoje... olha! é aquela que está vindo alí puxando o jumentinho com a carga"...Realmente, observei que logo que a mulher com o jumento chegou junto as que aguardavam, todas a cumprimentaram e partiram atrás da "dona da tarefa" de hoje. Caminhavam em fila indiana uma atrás da outra, mas logo aconteceu um incidente para divertimento de seu Raimundão, o jumentinho arriou com a carga, as mulheres acorreram juntas procurando levantar o animal, o que faziam se divertindo, uma brincando com a outra, eram umas doze mulheres, por fim o animal deixou de resistir e se ergueu, dando continuidade a caminhada do grupo das "tarefeiras" como dizia seu Raimundão...Assim, homens e mulheres, meninos e meninas, iam passando a caminho da roça, alguns montados em seus burros, jumentos ou cavalos, a maioria a pé, carregando nas costas seus paneiros e jamachis (uma mochila trançada na palha como eles próprios definiram para mim), nas mãos facões, enxadas, machados... - "assim é o nosso trabalho", dizia seu Raimundão...

Enquanto observávamos a passagem das pessoas em direção a

mata, aproximou-se de nós Paulo Souza (filho de seu Raimundo Souza, meu anfitrião) montado em seu burro e tendo pendurada ao torso transversalmente uma espingarda e cartucheira utilizada para caçadas. Cumprimentou-me e disse - "seu Paulo eu estou indo para o centro e só volto na sexta-feira, quero me despedir do senhor". Agradeci a Paulo Souza, a ajuda em me trazer ao povoado quando da minha chegada ao Jamary, ele riu, - "não foi nada". Seu Raimundão pediu então a Paulo Souza que dissesse o nome de alguns dos centros de roçado em que o pessoal trabalha, Paulo Souza respondeu: - "Nós trabalhamos lá na Baixa do Uricuri, tem gente que trabalha em São Pedro, em Bacuri, no Marajá, na Lagoa, no Bonisário, no Campinho e Caxias, no Centro das Mangueiras, no Carapanã, no Maracajá e outros centros por aí, isso é tudo nome de centros de roçado do pessoal do povoado, cada centro têm seu próprio nome dado pelos que trabalham por lá...alguns são nomes velhos"... Dito isto Paulo Souza partiu para a mata.. Falamos com outras pessoas que passavam,algumas dizendo que voltariam no final da semana, outras só no final do mês...Seu Raimundão repetia para mim: - "assim é o sistema daqui, o trabalho é duro, o povo vai lutando e assim vai crescendo o país..." Na volta a casa de seu Raimundo Souza, ainda pela manhã, encontrei seu José Porfirio Mafra, a quem fui apresentado pela primeira vez. Era morador do Jamary e, como tinha caçado um veado, resolvera trazer um pedaço da carne para a merenda dos visitantes. Agradecemos, e seu Raimundão começou a contar para todos as cenas que tinhamos filmado, com destaque para as mulheres tentanto levantar o jumento, e todos riram-se muito...Perguntei-lhes como realizavam essa chamada "troca

de dias" no roçado, e seu Raimundo Souza foi logo me explicando, - "é nossa forma de trabalho, junta um grupo de companheiros, um, dois, tem grupo até de quinze companheiros, e combinam da seguinte forma: vamos trocar um dia de trabalho companheiro, vamos lá; é assim, eu ganho um dia de trabalho na mão do companheiro e depois pago este dia a ele, ajudando em seu trabalho no roçado." Pergunto a eles como são formados os grupos de trabalho, e me informam que a princípio são os parentes que se juntam, o pai ajudado pelo filho que casado, já tem roçado próprio, irmãos no mesmo caso ajudando irmãos, a seguir vem a ajuda dos vizinhos e amigos, todos moradores do povoado". Disseram que fazem também entre si a **troca de caminhada**. Troca de caminhada como é? pergunto. Seu Raimundo Souza me responde: "E quando a gente tem muito produto para tirar lá da roça e o animal não dá conta da carga, a gente combina com o companheiro para ele nos ajudar no carregamento dos produtos, e assim quando ele precisar também a gente vai lá com os nossos animais de carga e ajuda ele a carregar seus produtos até aqui no povoado, ou mesmo até Santa Rosa na estrada rodoviária".

Após estes comentários, seu Raimundo Souza e seu Raimundão afirmaram que queriam me levar a uma área de roçado mais próxima do povoado, que ficava lá para os lados da antiga fazenda de escravos Santo Antonio. Assim, partimos em direção a Santo Antonio (eu, seu Raimundo Souza, seu Raimundão e seu José Porfírio que resolveu nos acompanhar), que ficava cerca de quarenta minutos da sede do povoado. Atravessamos o centro do povoado em direção da localidade conhecida como Campina de Guilhermina, e enquanto passávamos por algumas casas

perguntei-lhes como faziam para construir uma casa ? Seu Raimundo Souza foi respondendo: " Por aqui a casa cada um constrói para si mesmo, sempre com a ajuda dos companheiros, quem resolve construir uma casa, chama alguns companheiros e pede ajuda, aí a gente divide o trabalho, quem vai cortar a madeira para a armação da casa, quem vai buscar o barro, esse aqui por exemplo, o seu José Porfírio Mafra, é bom para lavrar a madeira, ele faz porta, janela, assoalho, todas essas coisas, é assim, as casas são de taipa, conforme os modelos nossos... antigos..." Eu volto a perguntar, e como se escolhe o lugar, por exemplo a casa do Paulo, filho de seu Raimundo Souza, como ele escolheu o lugar para construir sua casa quando casou? "Cada um escolhe onde quiser, onde se agradar, o Paulo se quisesse morar aqui na Campina de Guilhermina, era só ele construir a casa dele aqui com a ajuda dos companheiros, assim é que vem sendo com todos nós...Aqui é tudo coletivo, a área é coletiva... é companheiro com companheiro"...Seu Raimundão completa... - "lá na roça (centro de roçado) também tem casa, cada um constrói sua tapera de palha, ou de pau entremeado na palha, fazendo assim o seu refúgio para se proteger do sol e da chuva, também proteger os produtos que colhemos da roça, mas tudo (as construções) mais simples do que aqui (na sede do povoado)". Volto a perguntar durante a nossa caminhada agora já sendo feita dentro da mata, - e os roçados, como se faz para escolher um lugar para trabalhar? Seu Raimundo Souza volta a responder..."Cada um tem seu roçado no lugar que seus parentes já fizeram roçado, ou perto, meus filhos Nonato e Paulo, por exemplo, têm seus roçados perto do meu e de Anastácia, assim é, cada um fica

na área que era do pai, do tio, ou dos avós...quando quer mudar procura um lugar não muito longe para trabalhar, não muito longe porque é sempre bom ficar mais perto da família e dos amigos".

Esta lógica da ocupação do espaço através dos laços de parentesco, que acompanha a organização familiar do trabalho, e pode ser inferida das respostas dos informantes as interrogações do pesquisador, remonta através de gerações até o tempo da escravidão. Depois de mencionarem a divisão familiar das áreas de plantio do povoado, meus acompanhantes até a antiga fazenda de escravos Santo Antônio, passaram a descrever a situação de conflito por eles vivenciada desde meados dos anos setenta, pelas tentativas de invasão das terras do povoado, com graves ameaças aos seus moradores.

A descrição dialógica do conflito

O relato deste conflito é feito através do diálogo entre seu Raimundo Souza e seu Raimundão, com o meu testemunho, e a seguir procedo a sua transcrição:

- "Agora o nosso problema aqui são essas pessoas de fora, que vêm chegando depois da estrada rodoviária...eles nos procuram assim pedindo licença para se estabelecer em uma terrinha por aqui...porque nào tem para onde ir. A gente aceita porque é cristão sabe que o povo sofre por aí sem terra para plantar, e acolhe o companheiro...passa um ou dois anos aí eles já resolvem ir embora e já querem vender a terra...a terra não, a plantação ou a casa...a terra que não é deles e sim de todo povo do povoado...querem vender a

terra com tantos hectares cadastrados escondidos de nós lá pelo Incra...assim é que têm acontecido aí em roda nos povoados vizinhos...Aqui já tentaram mas nós não damos essas liberdades a esses sujeitos...Aqui só na beira, na fronteira de nossa área é que estão querendo invadir, como dizem fazer grilagem...foi o caso deste sujeito Miguel que diz ter comprado cem hectares de terra, para lá do rio Caxias, foi no Incra e com auxílio desses fiscais cadastrou 300 hectares, que logo vendeu para a doutora Jucelina de Santa Helena e para o Sr. Silvério, também da cidade de Santa Helena, ambos fazendeiros por lá, assim é que vem o conflito". Compadre Raimundão, - disse seu Raimundo Souza em diálogo com o outro, eu estou até pensando em juntar alguns companheiros aí no sábado para fazer uma "fiscalização" lá nos limites do rio Caxias, porque tem chegado notícias através de uns companheiros que têm roças perto de lá, que há um pessoal entrando por lá para tirar madeira, e talvez queimar para fazer campo, eu vou lá sábado para ver isso, e como anda também aquele projeto Ceres, cercando a área com arame para a criação de gado, a gente nunca sabe, podem querer invadir nossa terra, pois dizem qua assim fizeram em outros povoados"... O que é o projeto Ceres? - pergunto. Seu Raimundão disse: - "E a nossa maior ameaça, eles são confrontantes aqui com nossos limites junto ao rio Caxias, e dizem que vão passar para cá...eles têm uma gleba grande, e botaram todo mundo que morava nos povoados do outro lado para fora...no começo diziam que iam plantar seringa, mas parece que fracassou, agora criam gado, este gado branco nelore...e rolam madeira sem parar, tem serraria lá dentro...muita gente de fora...há muito

Acervo ISA

conflito por lá, principalmente com os povoados próximos, este ano mesmo mataram o delegado sindical do povoado de Juca, que fica bem próximo de lá, nos limites, era o companheiro Dico Miolo, que vinha sendo ameaçado pelo pessoal da Ceres, os vaqueiros deles. A gente tem que ficar de olho senão viram para o nosso lado querendo nos botar para fora de nossas terras..." Seu Raimundo Souza completou dizendo que esse pessoal aí ambiciona muito nossa terra aqui do Jamary, como os grandes de Turiaçu... - "aqui são ao todo 13.000 hectares (continuou dizendo),isto de acordo com o mapa do Incra existente em Turiaçu; essas famílias Rabelo e Fonseca ajudadas pelos Alves e Cavalcantes, todas de Turiaçu, que nunca viveram aqui, como nós que aqui estamos desde nossas raizes, isto é de nossos bisavós... e esses forasteiros se dizem donos de metade do Jamary...fizeram até cadastro no Incra, eu não sei como pode, pois eles nunca trabalharam por aqui...e olha que são donos aí de muita terra, terra que não acaba mais como a fazenda Santa Fé, dos Rabelos...eles têm muita ambição pela terra do povo, o senhor imagine que eles já tentaram até nos expulsar mandando para cá anos atrás uma ordem que diziam ser judicial de despejo, acusando que éramos estrangeiros, - não será (questiona seu Raimundão interrompendo a fala do outro) que é porque somos todos descendentes de escravos africanos? Mas se estamos aqui, fomos trazidos forçados, e agora esta é a nossa terra e só saímos de cima dela para ser enterrado nesta mesma terra de Jamary - mas, (retoma o relato seu Raimundo Souza) diziam eles que foramos trazidos para o Jamary pelo padre Antonio de Turiaçu, veja só, estrangeiros na verdade sempre foram eles que nem pensavam em viver aqui quando

nossos avós já nasciam, trabalhavam, sofriam, e morriam nesta terra" ...Seu Raimundão torna a comentar : Eu penso compadre, é que eles queriam mais terra para requerer dinheiro no banco, assim que eles fazem, quanto mais terra...mais dinheiro o banco dá para eles...eu não compreendo essas coisas"... Seu Raimundão vira-se para mim e diz: "o senhor me explica isso"...Peço desculpas, - mas eu também não entendo seu Raimundão.

Chegamos no roçado, tratava-se do roçado do Sr. João Mafra, todo cercado, perguntei a Raimundão porque a cerca, ele explicou que é por causa dos animais, os porcos e o gado, os moradores do povoado têm o regulamento tirado da lei da terra, o estatuto...as roças mais próximas do povoado botam cerca para evitar prejuízo, pois no povoado há muita criação, tudo solta...Peço a seu Raimundo Souza que me descreva o roçado, e ele começou relacionando a origem do lugar onde estávamos, dizendo - "aqui é área da antiga fazenda Santo Antônio, agora é só roça do pessoal do povoado, na roça a gente planta muita coisa, têm a mandioca, o milho, o gergelim, a banana, o carapato(mamona)...a cana...tudo junto(plantio consorciado), a gente planta, vai tratando, e tira na medida em que precisa para comer, ou para vender alguma coisa e atender alguma despesa...têm também o feijão, o abacaxi, o cará para consumo"...Pergunto porque todo o roçado que tinha aproximadamente uma quadra (igual a cem braças segundo a medida deles), estava cheio de árvores nativas...ele foi explicando... - "a gente não derriba as árvores como as palmeiras, o babaçual...como também a gente conserva os paus grandes da natureza como aquela sapucaia alí...é para ajudar a natureza...a gente sempre

deixa uma reserva em volta da roça...aqui têm muita madeira boa como a massaranduba, o cedro, a jarama, o pau santo, pararaúba, sucupira, pau d´arco, jatobá, a gente tenta conservar a natureza, só derrubando quando a árvore se torna perigosa podendo cair, ou quando há alguma coisa muito importante para fazer... como uma casa; aqui a gente não rola madeira para vender só mesmo se for por muita necessidade".

Peço que me desculpem por tantas perguntas, - é porque quero aprender com vocês, - eles riem e dizem que não tem problema... Então quais são os períodos de plantio e colheita? Seu Raimundo Souza explicou..."bem agora no verão (que vai de julho a dezembro) nesses meses que estamos atravessando de setembro a outubro é a derriba e limpeza do roçado, em novembro e dezembro faz-se a queima (coivara)...em janeiro, quando começa o inverno (janeiro a junho é o período chuvoso) começa o plantio, e a colheita é todo tempo que as plantas dão e há necessidade...a gente aqui está sempre trabalhando na roça". Logo após estas informações, por sugestão de seu Raimundo Souza fomos caminhando até o lugar em que se erguia a casa grande da antiga fazenda de escravos Santo Antônio...chegando lá ainda pude observar os esteios da casa, tijolos e pedras antigas trabalhadas para sua construção...seu Raimundão falou: "este é um lugar triste...de muito sofrimento...tudo construído as custas dos pretos...essa história tem até parte que é bonita... mas tem parte que é cruel... muita dor...Contam histórias de gente que chegou a ser queimada viva aqui pelos senhores brancos, eu mesmo vi ainda velho com as marcas dos ferros em brasa no corpo, é muito triste para nós este lugar".

Fomos voltando para o povoado, já era hora segundo seu Raimundo Souza de almoçar. Na entrada do centro do povoado ele separou-se do grupo, esclarecendo que ia buscar uns peixes que seus sobrinhos tinham pescado na noite anterior lá no rio Caxias...ia verificar se tinham trazido da pescaria algumas traíras boas para que não saíssemos de Jamary sem comer um peixe da terra...Eu e seu Raimundão voltamos para casa, seu José Porfírio foi para a dele. Tivemos realmente traíras para o almoço moqueadas...haviam também camarões no arroz. Dona Anastácia caprichava nosso último almoço no Jamary, logo a tarde começamos os preparativos para a viagem de volta na manhã do dia seguinte. Ao final da tarde fomos até a localidade de Arrudá visitar a casa de Josevaldo de Oliveira a pedido dele (que era o fiscal nomeado da prefeitura encarregado do grupo escolar em Jamary e povoados vizinhos)...Josevaldo já nos esperava. Ele era afilhado da velha Narcisa Mafra (assim os moradores mais velhos se referiam a ele), que o criou, e também a sua irmã (que estaria segundo Josevaldo no Rio de Janeiro). Na visita a casa de Josevaldo Oliveira, aproveitei para junto com seu José Pessoa e seu Raimundão dar uma volta pelo Arrudá, desta vez vendo o número de porcos soltos pela localidade, indaguei a ambos como faziam para resolver casos de disputa entre moradores, na hipótese da criação de porcos feita pelas famílias invadir a roça de outro? Seu Raimundão começou falando..."quando acontece algum "puxa e encolhe", estas brigas que nenhum dos lados quer acordo, a gente faz uma reunião entre as pessoas envolvidas, onde os mais velhos tentam aconselhar para que acabem com a briga...a gente tenta levar na conversa para que não

haja prejuizo para ninguém, não dando certo, eu como delegado sindical tento uma paz entre os dois diferentes, faço uma espécie de vistoria, tento explicar as coisas como elas são dentro da lei e do costume nosso, se mesmo assim a coisa engrossar aí tem que levar o caso ao Sindicato em Turiaçu, lá vai se tentar um acordo entre eles com a intervenção da diretoria do sindicato, quase sempre as coisas param por aí, mas tem gente que não gosta de acordo, aí eles acabam indo para o judiciário, mas isso quase sempre não se dá, somente acontece quando entra na briga alguém de fora, quando o pessoal é daqui mesmo, a tendência é ouvir os mais velhos." Ao fim da visita a Josevaldo, após ele nos mostrar seu terreiro plantado de fruteiras e nos oferecer um cacho de banana, voltamos para casa de seu Raimundo Souza onde continuamos os prepativos para a viagem no dia seguinte, combinando quem nos acompanharia, e com que animais contaríamos para carregar nossa bagagem. Assim o dia foi terminando e dava para sentir alguma tristeza pela nossa partida, expressa nas feições de seu Raimundo Souza, seu Raimundão, seu José Pessoa e seu Almir Ribeiro, além do próprio Josevaldo que voltou para nos visitar mais tarde, segundo ele, aproveitando sua ronda pela escola.

VII- A viagem de volta do Jamary...

Eram sete horas da manhã quando deixamos a casa de seu Raimundo Souza no Jamary rumo ao povoado de Santa Rosa. Assim partimos, em meio a muitas crianças e o olhar triste do menino Raimundo Mocambinho; dona Anastácia repetia uma pergunta que me foi feita por várias pessoas no povoado - "e quando volta?", ao que eu explicava: assim que as condições permitirem, mas um dia com certeza devo voltar ao Jamary para revê-los. Assim fomos caminhando para a saída do povoado acompanhados de seu Raimundo Souza, seu Raimundão e seu José Pessoa...Um cavalo de seu Raimundo Souza era montado por Ana Amélia, o burro de seu José Pessoa por mim, e um jumentinho levava as mochilas e bolsas...Ivan voltava a pé caminhando. Na altura do igarapé Bom Jesus, cruzamos com um homem a cavalo seguido por outro a pé, que portava uma arma de grosso calibre. Fizeram os cumprimentos de praxe na nossa passagem e um pouco mais a frente, meus acompanhantes identificaram-no como o "fiscal da prefeitura" de nome Soares, que ia "conferir" se o velhos do povoado aposentados pelo Funrural continuavam vivos e receber deles uma contribuição em dinheiro por um atestado do qual eles são a prova viva. Mês passado, contaram-me, - "cada velhinho pagou a ele duzentos e cinquenta cruzeiros reais, este mês já deve ser uns quinhentos... quem sabe ele veio também para conferir que pessoas de fora estavam no Jamary, desconfiamos que ele é também informante dos latifundiários de Turiaçu, sendo ele irmão de Aquiles Soares, um dos maiores grileiros de terra daqui deste município".

Estávamos chegando próximos a localidade de Boa Vista do Jamary, e nos despedimos de seu Raimundão que disse ter muito trabalho a fazer no seu roçado, pois o milho já estava maduro para a colheita...dissemos então adeus, até um dia..., e ele foi entrando pela trilha em direção a Boa Vista, gritando-nos ao longe, "ZOIOLHOUBOCALOU", "MUCUNBAIOU", como diziam os antigos mocambeiros na versão atualizada pela entrevista do velho Estanislau Mafra...Seguimos para Santa Rosa, onde chegamos por volta das dez e meia, paramos na casa de D. Mudô (delegada sindical de Santa Rosa) onde deixamos nossa bagagem a espera do onibus, que só passaria às treze horas aproximadamente. Fomos até uma das vendas do povoado onde compramos alguma comida e bebemos refrigerantes "ao natural"(isto é, quente),voltando a seguir para a casa de D. Mudô, onde depois de entregar as mercadorias compradas na venda, ficamos aguardando o almoço a ser preparado por ela. Convencemos seu Raimundo Souza e seu José Pessoa a ficarem conosco para almoçar, indo eu e Ivan tomar banho no poço comunitário do povoado, interrompendo a lavagem de roupa das mulheres, após pedir-lhes licença para o banho...O verão estava "sêco", aquele era o maior poço do povoado e mesmo assim o nivel d´agua estava baixo... O calor era o de sempre, e depois de almoçar em casa de D. Mudô, seu Raimundo Souza e seu José Pessoa se despediram para partir (seu José Pessoa foi bastante gentil afirmando, "a gente acaba se acostumando e aí é hora de ir embora"...) E lá foram eles montados em seus animais de volta ao povoado.

Considerações Finais

A localização do povoado de Jamary de difícil acesso e "relativamente isolado" em relação ao aspecto da sua geografia, possui certas características defensivas relacionadas a existência de status étnicos dicotômicos, relativos não só a côr (pretos e brancos), mas ao fato de terem sido um povo escravo, o que socialmente os desqualifica na visão de outros grupos com os quais interagem. Desta pespectiva, portanto, encontram-se de fato integrados em um campo de forças antagônicas.

As imagens distintas sobre eles formadas por outros grupos como os vaqueiros das fazendas de gado referindo-se a eles em tom disciplinador: - olha a desordem ! ; os ciganos que consideram Jamary terra de não cristão; e a população da cidade que associa as características raciais, imputadas pela côr, aos habitantes dos "povoados" formados por ex-escravos e dos "campos naturais" de uso exclusivo deles.

O preconceito e a exclusão social tem como contrapartida a atribuição de uma origem comum e a consciência de uma comunidade de parentesco e vizinhança e de defesa do bem considerado por eles supremo, que é a liberdade, através da qual cultivam sentimentos de honra e dignidade.

A segregação racial converte-se assim em isolamento consciente em relação ao exterior, fazendo deles uma comunidade de intercâmbio que age efetivamente na defesa de interesses e de uma vida comum. A experiência histórica dos quilombos ou mocambos constitui patrimônio político do passado que condiciona a existência

de uma comunidade politica e de comunhão étnica no presente.

Os quilombos ou mocambos do passado, considerados pelos moradores do Jamary, que possuem a lembrança transmitida através do tempo pelos seus ascendentes e compartilhada no presente etnográfico pelos moradores do povoado, como lugar de moradia dos pretos livres, é associado às fazendas de escravos das quais procediam os quilombolas da região. A interseção entre os mocambos e os escravos nas fazendas da região era operada pelos estreitos laços de colaboração entre os que fugiram refugiando-se nas matas, e aqueles que permaneciam nas fazendas como escravos, dando condições de sobrevivência aos que obtiveram a liberdade, através de um pacto de silêncio e intercâmbio estreito, expresso pelas palavras Zoio-olhou-boca-calou, pronunciadas por seu Estanislau Mafra, que por sua vez as ouvira de seu pai, ex-escravo da fazenda Cajual, hoje parte das terras do Jamary, que antes da abolição fora também lugar de moradia e refúgio dos que resistiram a escravidão, "lugar velho", como diziam os moradores do povoado.

O grupo de pessoas mais velhas do povoado é depositário, portanto, das múltiplas versões sobre os mocambos e o tempo da escravidão, que pelo seu caráter público constituem a representação cultural que seus moradores formam de si próprios. Por isso, esse grupo de pessoas tornou-se um campo de observação privilegiada e através de suas entrevistas foi possível colher testemunhos, que ao serem revelados no contexto do trabalho de campo, assumiram o caráter de um ato político, trazendo a público o sentido que atribuem a sua existência social, marcada pela experiência histórica da escravidão e

da luta pela liberdade nos mocambos, o que fundamenta na visão deles a posse coletiva da terra do Jamary e seu uso comum.

Apesar da especifidade de seus fundamentos históricos e etnológicos, a terra de uso comum no povoado de Jamary - que aparece no decorrer do texto através dos relatos sobre o trabalho familiar nos centros de roçado, as trocas de dia entre parentes e vizinhos, os campos naturais de uso comum onde criam o gado, que representa uma poupança da qual podem lançar mão em períodos críticos - permite considerar essa modalidade de posse em termos dos sistemas de usofruto comum da terra na estrutura agrária brasileira(7). Tal sistema de uso comum não recebe tratamento jurídico formal nas disposições constitucionais vigentes e são por isso objeto de intrusão e ameaça constante por grupos sociais dominantes que procuram, deste modo, subtrair-lhes as terras para aumentar seus domínios particulares.

No Jamary, com efeito, ocorre acirrado conflito com interesses latifundiários de grandes criadores de gado do município de Turiaçu e de empreendimentos rurais que procuram se expandir às custas dos povoados e terras de preto, como no caso testemunhado da disputa a partir de meados da década de setenta entre os moradores do Jamary e o empreendimento CERES realizado em seus limites territoriais(8).

(7)Almeida, Alfredo Wagner: Terras de Preto, Terras de Santo e Terras de Indio - uso comum e conflito. Cadernos do NAEA 10, Belém, UFPA/NAEA,1989.

(8)Segundo relatório do Projeto Vida de Negro da SMDDH, no período de 1976 a 1985 o povoado de Jamary viveu um acirrado conflito pela posse da terra, pela intrusão de seus limites territoriais por pretensos proprietários do município de Turiaçu e o empreendimento Ceres.

"Isso aqui é um povoado de pretos", disse-me um morador do Jamary que recorre a ancianidade da ocupação do território e a herança da escravidão e dos mocambos para fundamentar os direitos que possuem sobre a terra inalienável e indivisa.

A posse é renovada de geração a geração tornando-se hereditária através de uma genealogia reconstruída até a escravidão e preservada oralmente na memória dos moradores de Jamary, que atravessa gerações, de modo a apresentar todos os habitantes do povoado como descendentes de um bisavô ou trisavô escravo, podendo-se agrupá-los em pelo menos quatro linhas de descendência: os Mafra, Ribeiro, Souza e Cardoso.

Estes quatro grupos de parentesco incluem diferentes membros de uma genealogia traçada a partir da referência a ancestrais comuns. Também é identificada através da memória suas localidades de procedência, havendo menção as antigas fazendas escravocratas da qual eram considerados originários, como as fazendas Santana, Cajual, Bom Jesus, Sta.Cruz, Tapera de Sinhadona e Santo Antônio. Os nomes civis dos moradores de Jamary referem-se a um parentesco adotivo na medida em que incorpora os nomes das famílias dos seus antigos senhores. Esta referência aos nomes de antigos senhores escravocratas e os "laços artificiais" de parentesco estabelecidos com eles a partir de um ancestral comum é transmitido de pai para filho e pode ser considerado uma "classe de parentesco" reconhecida para efeito de análise genealógica em antropologia social(9).

(9)O "parentesco artificial" transmitido de pai para filho, constitui uma das quatro classes de parentesco assimiladas no uso do método genealógico por Rivers, W.H.R.,O método genealógico na pesquisa antropológica,pg.58, in:Oliveira, Roberto Cardoso de, Ed.Unicamp, Campinas,1991.

Acervo ISA

Mas as genealogias assim obtidas e as linhas de descendência traçadas a partir de um ancestral comum, revelam também pontos de entrecruzamento fazendo com que os moradores de Jamary pertençam a mais de um tronco familiar, dependendo dos ascendentes paternos e maternos.

Estes pontos de entrecruzamento estabelecidos através das linhas de descendência podem ser um equivalente metafórico ao nível das relações de parentesco, da representação que os moradores do povoado fazem do Jamary como espaço de entrecruzamento e local de convergência para o qual se dirigiram seus ancestrais fugidos da escravidão - o que deste ponto de vista caracteriza o Jamary como quilombo. As relações de parentesco estabelecidas desta forma e sua referência a situação histórica de quilombo regulam a descendência e a herança às terras de uso comum do povoado, configurando uma situação de fato que cria direitos e garantias ao reconhecimento jurídico da propriedade da terra do povoado de Jamary.

A memória coletiva refere-se igualmente a luta pela liberdade através das fugas para os quilombos ou mocambos, considerando estes locais de moradia dos chamados **pretos livres** como parte de um conjunto formado também pelos escravos que permaneciam nas fazendas e colaboravam ativamente com os fugidos, havendo assim planos de interseção organizacional entre ambos - cativos e libertos.

O povoado dos pretos do Jamary exprime em sua disposição espacial essa conjunção entre os lugares de moradia concentrados na sede do povoado e as antigas fazendas incorporadas como centros de roçado, onde ficam os chamados ranchos de trabalho dos moradores de Jamary.

O diagrama do povoado desenhado por um dos informantes, seu Raimundo Souza, por solicitação do pesquisador (vide croquis em anexo), projeta em suas divisões espaciais planos diferentes de organização social da vida no povoado, considerados significativos pelos seus moradores.

Na representação gráfica inscrita no diagrama, o povoado de Jamary é concebido como formado por dois anéis conjugados, com uma seção de incidência que corresponde a sede do povoado. Nestas duas circunferências acopladas, encontram-se o terreno trabalhado ou os **centros de roçado** como dizem, os campos naturais e a mata circundante. A parte de cima de um dos círculos apresenta os nomes de duas localidades - Cajual e Boa Vista - que concentram aglomerados de casas bem menos extensos do que se encontra na sede do povoado. A outra circunferência é circunscrita no seu limite inferior pelo rio Caxias.

Estes dois anéis conjugados estão sempre referidos ao plano de interseção entre eles. Essa conjunção é representada pela sede do povoado, onde a vida comunitária se exterioriza. Aí ocorrem as manifestações culturais do povoado, como as festas religiosas e o tambor de criola, descritos neste texto, e práticas comunitárias - o jogo de futebol, por exemplo, que reunem o conjunto de seus moradores. E neste plano que a comunidade demonstra o seu alto grau de integração.

Em relação aos **centros de roçado** estão localizados em ambas circunferências e representam um plano organizacional não de somenos importância para os moradores do povoado. Nos **centros de roçado**

realizam o trabalho familiar no plantio de suas roças, a troca de dias com parentes e vizinhos nas tarefas agrícolas. Neste espaço desenvolvem, portanto, relações propriamente econômicas que, por sua vez, implicam em relações de reciprocidade com base no parentesco e envolvendo de fato todos os membros da comunidade.

A expressão **centro de roçado** é usada por eles para se referir tanto aos locais de plantio em contraposição aos lugares de moradia, como aos roçados familiares desenvolvidos pelos moradores de Jamary, assumindo um sentido ou outro de acordo com o contexto. Deste modo, centro de roçado adquire um duplo significado: áreas de plantio separadas pelo trabalho desenvolvido por um grupo familiar e a fusão de todas elas em uma unidade territorial comum e indivisa.

Nos roçados familiares (vide croqui em anexo sobre o roçado familiar do Sr. João Mafra) plantam de forma consorciada lavouras de mandioca, milho, feijão, batata, abóbora, gergelim, cará etc.,árvores frutíferas como mangueiras, cajueiros, mamoeiros, bananal, preservando ainda plantas nativas entre palmeirais e madeiras de lei. Estas plantações realizadas pelos grupos domésticos dos moradores de Jamary tornam-se comprobatórias da posse efetiva que mantém sobre as terras do povoado e evidenciam a ancianidade de sua ocupação, mais do que centenária se for tomado por referência as árvores nativas preservadas nestes centros de roçado. Também são marcas da ocupação as edificações como casas para o fabrico da farinha, os poços d´água existentes no povoado, os ranchos de trabalho construídos para moradia temporária nos roçados mais

distantes e as casas construídas na sede do povoado e nas localidades próximas do Cajual e Boa Vista. Observa-se também o controle efetivo que estabelecem sobre o território do povoado através das atividades de pesca, caça, criação de animais domésticos e gado, tecelagem de fibras vegetais para cestos e outros objetos de uso doméstico e pessoal, que implicam no manejo de recursos naturais como rios, igarapés, campos e florestas existentes no território do povoado. Tudo isso representa história acumulada ao longo de gerações.

O povoado de Jamary incorpora, portanto, em seus limites espaciais e na representação que os moradores dele fazem, a herança cultural dos quilombos ou mocambos. Esta herança se encontra inscrita, entre outras coisas, na propriedade indivisa da terra do povoado, que pertence a coletividade dos chamados pretos do Jamary. A terra é inalienável e não pertence individualmente a nenhum dos seus membros, o que a torna deste ponto de vista indisponível(10). A referência que os moradores do Jamary fazem ao passado histórico dos quilombos ou mocambos, e os laços de reciprocidade e solidariedade que os unem, criam um sentimento de participação comunitária e identidade étnica no presente.

(10) As denominadas terras de preto, compreendem aqueles domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica às famílias de ex-escravos a partir da desagregação de grandes propriedades monocultoras. Os descendentes de tais famílias permanecem nestas terras há várias gerações sem procederem ao formal de partilha e sem delas se apoderarem individualmente. Gerando assim, um sistema fundado por laços de consaguinidade, onde sobressaem o compadrio e as formalidades não recaem, necessariamente, sobre os indivíduos, pondo as famílias acima de muitas das exigências sociais; isto leva a indivisibilidade do patrimônio dessas unidades sociais circunscritas numa base fixa, considerada comum, essencial e inalienável - Silva, Dimas Salustiano da.-Direito Insurgente do Negro no Brasil: Territórios e Cidadania dos Quilombos.mimeo.,Projeto Vida de Negro - SMDDH/CCN-MA, São Luís, 1993.

As práticas sociais descritas neste parecer e a memória social dos quilombos ou mocambos e da escravidão que fazem deles o que são, permite sustentar que a reparação às violências do passado reproduzidas no presente pelos conflitos de terra, e o não reconhecimento público dos seus direitos, possui no artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal Brasileira de 1988, a fundamentação legal que restitui a garantia de liberdade contra todas as formas de dominação e sujeição baseadas em concepções racistas, que lhes destinam um lugar inferior na estrutura social. O cumprimento deste preceito constitucional, atribuindo-lhes a propriedade definitiva sobre as terras do Jamary, pode assim converter a dor de uma experiência difícil no passado de um povo, na posse definitiva da liberdade como um bem maior no presente, que segundo a visão deles próprios é a garantia da honra e dignidade pessoal e social.

ANEXO (1)

Transcrevo aqui algumas das letras cantadas na festa do tambor de criola do povoado de Jamary:

Ou morena vamos bailar, ou morena vamos baiar(bailar)...
ou morena vamos baiar...
em terra de boaiador morena vamos baiar...

Ou morena vamos baiar, ou morena vamos baiar...
em terra de plantador, morena vamos baiar...
em terra de tanta dor, morena vamos baiar...
e morena vamos baiar, e morena vamos baiar...
em terra de boiador morena vamos baiar...

----x----

A boca da mata cantou...
boca da mata cantou...cantou...cantou...
vamos lá...eu vou...eu vou...
boca da mata cantou...oi ei a ...boca da mata cantou...

SL37 - Acervo ISA

Os encantos da mata acordou, vamos lá...

na boca da mata cantou...cantou...cantou...

cantou...boca da mata cantou, cantou...cantou...

boca da mata cantou...olhe lá...

Os espiritos da mata cantou...oi ei á...

o espiríto santo acordou oi ei á...

Boca da mata cantou...cantou...oi ei á...

cantou oi ei á...

cantou...boca da mata cantou...oi ei á, em luz tudo se iluminou...olhe lá...boca da mata cantou...oi ei á...

a boca da mata brilhou oi ei á....

a boca da mata cantou vamos lá...

----x----

Quem me solta que eu estou preso...

quem me solta que tou preso...

quem me solta que tou preso....quem me solta que tou preso...

eu para a mata me vou, quem me solta que tou preso...

quem me solta que tou preso...

Pois eu também quero me soltar...quem me solta que tou preso...
quem me solta que tou preso...
que eu quero voltar ao meu lugar....quem me solta que tou preso...
quem me solta que tou preso...quem me solta que tou preso...
pois quero fugir também, para me divertir e baiar...
quem me solta que tou preso...quem me solta que tou preso...
quem me solta que eu tou preso...em terra de boiador...
quem me solta que eu tou preso...quem me solta que eu tou preso...
nas correntes do senhor...quem me solta que eu estou preso...
quem me solta que eu estou preso...

----x----

O tambor de Santa Maria cantou no areiar...
cantou no areiar...cantou...cantou no areiar...
O tambor de Santa Maria cantou no areiar...
cantou no areiar...
cantou no areiar...cantou...cantou no areiar...
cantou...
Santo Antônio cantou no areiar, o tambor de Santa Maria
cantou no areiar...

São Benedito cantou no areiar, o santo São Benedito sentou no areiar...

No tambor de Santa Maria...Raimundão cantou no areiar...
cantou no areiar...

No tambor de Santa Maria nossa mãezinha cantou no areiar...
cantou no areiar...cantou no areiar...

A minha cabeça o tambou de Santa Maria sentou no areiar...
sentou no areiar...sentou no areiar...Santa Maria sentou no areiar...

----x----

Ti ti ti que eu sou boieiro...ti ti ti que sou boieiro...
ti ti ti que sou boiero para louvar nossa senhora...
ti ti ti que sou boiero...ti ti ti que sou boieiro...
ti ti ti que eu sou boiero entre os cantores do tambor...
ti ti ti que eu sou boiero...

Ti ti ti que sou boiero...ti ti ti que sou boiero...
ti ti ti que sou boiero do olho de maracujá...
ti ti ti que sou boiero...ti ti ti que sou boiero...

ti ti ti que eu sou boiero diga lá meu deus do céu...

ti ti ti que sou boiero...ti ti ti que sou boiero...

ti ti ti que eu sou boiero de nosso pai criador...

ti ti ti que sou boiero...ti ti ti que sou boiero...

ti ti ti que sou boiero...ti ti ti que sou boiero...

ti ti ti que sou boeiro...em uma festa de tambor...

ti ti ti que sou boeiro...ti ti ti que sou boiero...

ti ti ti que sou boeiro...ti ti ti que sou boiero...

ti ti ti que eu sou boeiro do povoado dos pretos meu senhor...